N.º 244 — 11.º ano

CONHECES-ME?

(Foto GARCEZ, L.da)

-FEVEREIRO-1936

PREÇO-5 escudos

Encontra-se à venda a 5.ª edição desta obra admiravel

PÁTRIA PORTUGUESA

**Obra louvada em portaria do Govêrno de 20 de Dezembro de 1913
e aprovada para prémios escolares por despacho ministerial de 23 de Julho de 1914**

Capa a côres de ALBERTO DE SOUSA

1 vol. de 336 págs., broch., **Esc. 12$50** — *Pelo correio à cobrança* **Esc. 14$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente

A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar físicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

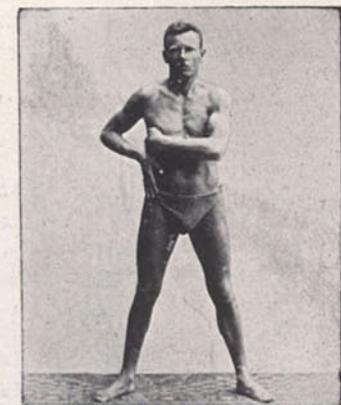
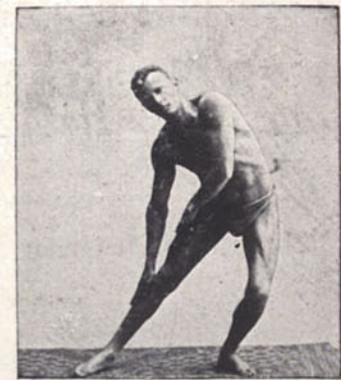
Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de ser posto à venda

PENSADORES BRASILEIROS

PEQUENA ANTOLOGIA

POR **CARLOS MALHEIRO DIAS**

INDICE: Prefácio — Gilberto Amado — Ronald de Carvalho — Baptista Pereira — Azevedo Amaral — Gilberto Freire — Tristão de Ataíde — Plínio Salgado

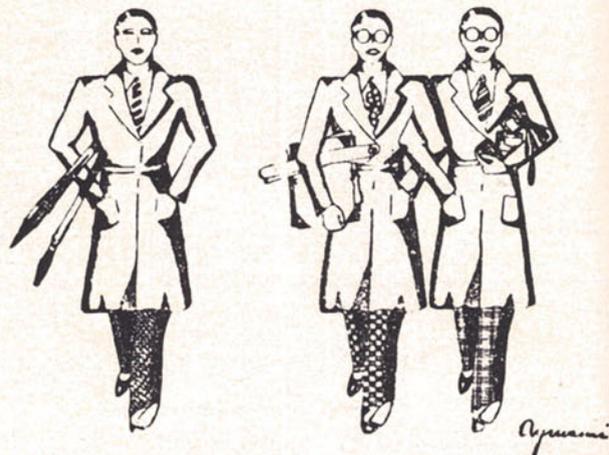
1 volume brochado . . . **8$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES

TELEFONE 2 1368

BERTRAND IRMÃOS, L.^DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Excursões a preços reduzidos

ao Triangulo de Turismo e ao Estoril com refeições nos hoteis de Estoril e Sintra

Nas estações de Cais do Sodré ou Lisboa-Rossio estão à venda, diàriamente, para estas excursões os bilhetes seguintes a preços reduzidos:

— De Cais do Sodré a Estoril-Sintra-Rossio, com direito a almôço no Estoril e jantar em Sintra, ou vice-versa

Por passageiro	1.ª Classe.......	48$00
	2.ª Classe.......	42$00

— De Cais do Sodré a Estoril e volta, com direito a almôço **e** jantar no Estoril

Por passageiro	1.ª Classe.......	45$00
	2.ª Classe.......	39$00

— De Cais do Sodré a Estoril e volta, com direito a almôço **ou** jantar no Estoril

Por passageiro	1.ª Classe.......	30$00
	2.ª Classe.......	25$00

A Pele Embranquece

Ao Contacto de Uma Nova Substância Mágica

Descoberta de um Químico, por um Feliz Acaso

Quando um químico parisiense deixou cair acidentalmente um pouco de «Branco de Oxigénio» puro em cima do seu braço nú, não imaginava que acabava de ser feita uma maravilhosa descoberta para embranquecer e purificar a pele. Mesmo à sua vista, se destacavam as rugosas escamas da pele, e desapareciam as imperfeições e as manchas, revelando uma nova epiderme fresca e clara, duma textura branca e fina. Experimentado no rosto de numerosas senhoras, tornou-lhes a pele de 3 a 5 tons mais branca e deu-lhe uma indescritível macieza aveludada, semelhante à das partes delicadas e cuidadosamente protegidas do corpo.

Por privilégio exclusivo, êste «Branco de Oxigénio» está agora contido no novo Creme Tokalon, Côr Branca (não gorduroso). Penetra na pele, que purifica, dissolve e faz desaparecer todos os pontos negros, contrai os poros dilatados e dá à tez um novo brilho luminoso, nunca obtido antes com qualquer produto de «toilette» ou de beleza. A-pesar-da adição do «Branco de Oxigénio» ao Novo Creme Tokalon, Côr Branca, o seu preço não foi aumentado. Comece V. Ex.ª a empregá-lo hoje mesmo e verificará os seus resultados rápidos. O sucesso está garantido; de contrário, será reembolsada do seu dinheiro.

À venda em tôdas as perfumarias e boas casas da especialidade.

Não encontrando, escreva ao **Depósito Tokalon – 88, Rua da Assunção, LISBOA** — que atende sem demora.

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND
•
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: — 2 0535
N.º 244 — 11.º ANO
16-FEVEREIRO-1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

CRÓNICA DA QUINZENA

Quando êste número da «Ilustração» correr já impresso pelas mãos dos seus leitores devem ter soado, para a Espanha, horas duma excepcional importância histórica.

O povo do país vizinho vai no dia 16 manifestar nas urnas a sua vontade. E êsse facto pode ter repercussões de incalculável alcance.

Para efeitos da batalha eleitoral que vai travar-se, a Espanha encontra-se dividida em duas frentes — Esquerdas e Direitas, segundo a nomenclatura convencional. Este facto é grave, tanto mais que essas duas fôrças irredutíveis se equilibram — o que, por um paradoxo conhecido em política, torna difícil o equilíbrio do Poder.

Esta rarefacção do Centro em proveito dos extremos é um facto característico da evolução política da nossa época. Mas em Espanha atinge o auge da intensidade e isso vai da psicologia da raça. O espanhol não conhece meios termos, soluções intermédias, processos de transição. O seu temperamento ardente, impetuoso, impulsivo, leva-o a procurar remédio para os seus males em métodos radicais e muitas vezes opostos.

É isto que dá às eleições espanholas o seu caracter dramático. Com a neutralidade indicada nestes casos — e tantas vezes esquecida entre nós — resta-nos desejar que o povo do país vizinho encontre, na actual consulta às urnas, a solução do grave problema social da hora presente.

■

A morte repentina do general Condylis, principal obreiro da restauração monárquica na Grécia, vem recordar uma estranha coincidência ocorrida com o glorioso militar.

Durante a guerra greco-turca de 1912, o regimento do Condylis foi destroçado num combate com o inimigo e o heróico oficial foi dado por morto.

Todos os seus parentes vestiram luto, à excepção da mãi. Inspirada pela sua intuição maternal, recusava-se a acreditar na morte do filho. E afirmava que uma vidente lhe garantira que o filho não morreria sem ter ocupado o mais alto cargo do seu país.

De facto, Condylis escapára e pôde voltar para junto dos seus. E o que é surpreendente é que morre dois meses depois de ter entregue nas mãos de Jorge II o seu cargo de Regente — suprema magistratura da Grécia até à chegada do soberano!

■

Causaram desproporcionada emoção, as afirmações produzidas na Câmara dos Comuns por Lansbury e Lloyd George, em que se aventou a idea duma redistribuïção colonial feita à custa dos pequenos países que possuem extensos domínios ultramarinos, como a Bélgica, a Holanda e Portugal.

Se a hipótese é em si alarmante, a verdade é que a sua origem tira-lhe muito do significado que poderia ter. Lansbury e Lloyd Georges são, sem dúvida, políticos dignos de consideração, mas pertencem à categoria dos que vivem afastados das realidades. O primeiro pertence à facção utopista do «Labour Party» e o segundo, após um período de brilhante actividade como estadista, ganhou foros a uma posição pessoal em que a sua fantasia se exerce com plena liberdade. Pelo seu caracter idealista, tanto um como outro são, para o povo britânico essencialmente prático, elementos de compensação, mas de reduzida influência política. Quem conhece o inglês sabe que êlle não desdenha ouvir divagar, mas para seguir depois os princípios mais positivos.

Ora a realidade é que a redistribuïção proposta é impraticável. Vivemos numa época demasiado avançada para a prática de expoliações pela violência — ainda mesmo quando o expoliado é um país semi-bárbaro como a Abissínia — e demasiado atrasado para os cândidos idealismos de Lloyd George e Lansbury.

■

A guerra ítalo-etíope arrasta-se, ante a espectativa já um pouco cansada, do Mundo inteiro. Italianos e abexins atribuem-se mutuamente grandes revezes. Não é fácil, no emaranhado das notas e desmentidos, formar uma idea concreta da verdadeira situação dos beligerantes. E isto tem a vantagem de deixar a cada um campo aberto às suas preferências, regozijando-se ou entristecendo, conforme o seu temperamento lho pedir.

É cedo para se conhecer a verdade sôbre os acontecimentos. O veu que envolve o que se está passando na Etiópia é espêsso e não pode ser levantado com facilidade. Sirva de exemplo a seguinte história que colhemos em «Le Travail», de Genebra:

«Há dias um habitante de Génebra recebeu uma carta da parte dum seu amigo, oficial italiano que se encontra na Abissínia. Esta carta fôra expedida duma pequena região ocupada havia pouco pelas tropas do marechal Badoglio. Eis as passagens essenciais: «A região é assás bela, o clima suportável e o moral excelente. Vivemos bem. Peço-te para guardares os sêlos desta carta porque terão certo valôr quando nos apoderarmos da Etiópia». O destinatário, surpreendido por esta última frase, e sabendo que o seu amigo não era filatalista, descolou com precaução os sêlos do sobrescrito. Encontrou escritas por trás as seguintes palavras. «Vivemos num verdadeiro inferno e morremos aos milhares».

■

A América do Norte festejou em Novembro do ano findo o centenário do nascimento do grande humorista conhecido pelo pseudónimo de Mark Twain.

O facto coincidiu com a descoberta de manuscritos inéditos do grande escritor que acabam de ser publicados. Contêm aforismos modelados com essa graça e fantasia que fizeram a sua celebridade. Eis alguns exemplos:

«O senso moral permite-nos reconhecer o que é moral — e evitá-lo O senso imoral permite-nos reconhecer o que é imoral e disfrutá-lo».

«Pela bondade de Deus, nós, americanos, temos no nosso país estas três cousas indizivelmente preciosas: a liberdade da palavra, a liberdade da consciência e o bom senso de não utilizarmos uma nem outra».

«A boa educação consiste em ocultar a grande importância que atribuimos a nós próprios e o pouco caso que fazemos dos outros».

■

A Inglaterra que, confiada na eficácia dos Tratados, descurara os seus armamentos, procura agora recuperar o tempo perdido e desenvolve um esfôrço formidável em matéria de marinha de guerra e aviação. Dentro dum ano ter-se-ão construido 5.600 novos aviões de combate, o que dará à quinta arma britânica um lugar de primeiro plano na Europa.

É curioso registar que alguns dos aparelhos projectados são construidos segundo os planos do engenheiro russo Igor Sikorsky. Este, que é hoje uma competência reconhecida no assunto, lutou de princípio com a incompreensão dos construtores. Como é também um pianista de mérito, conheceu nas horas de adversidade o célebre compositor Rachmaninoff, que o auxiliou a continuar os seus trabalhos.

Quando construiu o modêlo agora adoptado pela aviação britânica, Sikorsky precisou de fazer experiências com carga máxima. Teve porém escrúpulo de arriscar vidas humanas e embarcou no avião dois pianos de cauda que Rachmaninoff lhe emprestou.

■

A situação no Extremo Oriente continua confusa e inquietante. Japoneses e manchus dum lado, e mongois apoiados pelos russos do outro, batem-se como se guerra houvesse. Perdem-se e conquistam-se aldeias e nestas regiões mal delimitadas os postos fronteiriços mudam de ocupadores com a conseqüente perda de vidas.

Este crepitar de faiscas junto de tantas barricas de pólvora tem o seu quê de alucinante. Nunca se sabe qual delas produzirá a explosão, mas o perigo não deixa por isso de ser iminente.

M. R.

A POLÍTI AS SANÇÕES

O embargo da exporta de petróleo para a Itália

é uma das mais pode mas de que a S. D. N. dispõe

Recorda-se a célebre f de Clemenceau em 1917 — "cada gota de petr vale uma gota de sangue"

O conflito italo-etíope e o sistema de sanções posto em vigor pela S. D. N. contra a Itália, vieram dar palpitante actualidade ao problema do petróleo, cuja exportação para aquele país se estude actualmente em Genebra a forma do embargar.

Esse líquido combustível que tão largas aplicações tem hoje, é incontestavelmete o sangue do mundo moderno. Tôda a actividade dum país lhe está mais ou menos ligada, e de tal modo que a sua falta significa a paralisação e a morte. E' essa pois uma das armas mais eficazes de que a S. D. N. dispõe para fazer regressar à razão um país que rompeu os seus compromissos, recorrendo à guerra.

■

Digamos a propósito que apesar de ter sido conhecido desde a mais alta antiguidade, o petróleo só em meados do século XIX foi, na realidade, descoberto para a ciência e, conseqüentemente, para a industria. Foi de facto em 1858 — há menos dum século, portanto, — que o americano Drake, ao fazer uma perfuração viu com assombro surgir das entranhas da terra um líquido viscoso. Sujeitou-o a uma depuração elementar e verificou que ardia com uma forte chama. Daí lhe veio a ideia de o utilizar para usos industriais, no que não tardou em ser seguido por muitos.

Tal é, nos tempos modernos, a origem do uso do petróleo. Alguns sábios, contudo, pretendem que os chineses já procediam à extracção da nafta dois séculos antes do nascimento de Cristo. Não a refinavam mas serviam-se dela para a iluminação, aplicavam-na como específico contra as afecções da pele e davam-na a respirar aos doentes dos pulmões.

Entre os povos de raça branca, o petróleo foi, como já vimos, desconhecido até uma data bastante recente. E não deixa de ser curioso recordar que em 1808, o comandante da região do Baku, hoje grande centro petrolífero, enviou aos seus superiores em S. Petersburgo um relatório em que assinalava a existência duma espécie de óleo que brotava da terra e para o qual pedia a esclarecida atenção da Academia das Ciências. A sua observação foi escutada e uma comissão de sábios dirigiu-se ao local para estudar a substância em questão. Foram as seguintes as conclusões a que chegaram:

«O petróleo é um líquido mineral desprovido de tôda a utilidade. Pela sua natureza é um líquido viscoso que cheira mal. Não pode ser utilizado de forma alguma. Poderia quanto muito servir para lubrificar as rodas das carroças que rangem».

Um impressionante aspecto de gigantescos reservatorios norte americanos da nafta

Eis como o petróleo era considerado, em princípios do século passado, pelas mais altas sumidades científicas.

■

Escusado se torna dizer que nos últimos tempos as aplicações do petróleo têm aumentado, a ponto dêste combustível destronar o carvão.

Mais do que o dinheiro, o petróleo é hoje o nervo da guerra. Sem gasolina, os aviões não podem voar, os camiões e automóveis ficam impossibilitados de andar, os poderosos regimentos motorizados ficam privados da acção. Sem os óleos pesados, todos os navios de guerra — couraçados, cruzadores, torpedeiros, submarinos e até os simples transportes de tropas — estão condenados à imobilidade. Sem lubrificantes, as engrenagens dos maquinismos, os eixos dos vagões não podem funcionar. E sem certas essências tiradas dos sub-produtos da refinação da nafta, não se podem fazer alguns gases asfixiantes.

Um exército subitamente privado do petróleo sofre, por conseqüência, uma paralisia repentina, tal como um carro eléctrico a que falta a corrente.

Nestas condições, um país que não tem petróleo, não tem exército, qualquer que seja o valor e equipamento militar dos seus soldados.

A experiência da Grande Guerra provou-o claramente. No fim de 1917, quando as reservas dos Aliados eram insuficientes, Clemenceau escrevia ao Presidente Wilson esta frase histórica «cada gota de petróleo vale uma gota de sangue». Foi por não terem em abundância o precioso carburante que os alemães não puderam lançar a tempo os seus soldados quando por duas vezes romperam a frente inimiga. Impossibilitados de se deslocar ràpidamente, deram tempo aos Aliados para refazerem as suas linhas. Foi êste conjunto de factos que levou Lord Curzon a exclamar após o armistício: «Fomos levados à vitória sôbre ondas de petróleo».

Ora de 1918 para cá as necessidades de petróleo nos Exércitos não têm feito senão aumentar. Por um lado, devido ao desenvolvimento da aviação. Por outro, em conseqüência da motorização de grande número de unidades.

■

Compreende-se bem que, nestas condições, a sanção do petróleo seja a arma mais eficaz de que dispõe o organismo de Genebra. Mas serão os seus efeitos tão rápidos como se pretende?

E' fora de dúvida que a Itália é um país muito vulnerável na questão do petróleo. O seu único jazigo conhecido é o da Sicília, cuja produção foi em 1934 de 20.000 tonelados. Quantidade ínfima se considerarmos que o consumo médio do país por ano é de milhão e meio de toneladas.

O interior duma das tôrres que sobrepujam os poços de petróleo

A produção de sucedâneos também não é viável. Existe na Toscania um jazigo de linhite que se calcula poder produzir 100.000 toneladas de petróleo sintético. Mas o preço dêste seria quatro vezes superior ao do produto natural e a construção da aparelhagem necessária à transformação levaria longo tempo.

Resta o alcool como sucedâneo da gasolina. E para intensificar a produção dêste foi elevada de 90.000 para 130.000 hectares a área da cultura da beterraba.

Tudo isto é insuficiente. Na opinião dos mais optimistas a produção nunca pode atingir metade do consumo normal.

Há, porém, a questão das reservas acumuladas, de cuja importância depende uma duração mais ou menos longa da resistência da Itália à sanção. E' difícil avaliar, ao certo, as quantidades armazenadas. E' de supor, porém, dadas as condições difíceis do Tesouro italiano, que não sejam tão importantes quanto o Govêrno fascista poderia desejar.

Em todo o caso, os peritos da S. D. N. encarregados da elaboração dum relatório sôbre as condições da eventual aplicação do embargo, calcularam essas reservas em um milhão de toneladas, o que corresponde aproximadamente ao consumo de dez meses. A ser assim, o efeito da celebrada sanção não se faria sentir com a rapidez desejada e a Itália poderia persistir longo tempo ainda na sua atitude de intransigência. Mas a emoção que a hipótese do embargo tem suscitado em Itália faz supor que as cousas não se apresentam com aspecto tão favorável para aquele país.

■

A unanimidade dos membros da S. D. N. sôbre a aplicação do embargo, desde que êste seja posto à votação, não dá lugar a dúvidas. Os principais países produtores que fazem parte do organismo genebrino declararam-se dispostos ao sacrifício das suas exportações para Itália. Mas para que êsse sacrifício não resulte inútil é necessário que os Estados Unidos cooperem nessa política de sanções, pois de outro modo a Itália passaria a abastecer-se naquele país, tornando o embargo improfíquo.

O presidente Roosevelt manifestou vontade de facilitar a acção da S. D. N. Mas os poderes que o Congresso lhe conferiu não são bastante latos para o fazer. Limitou-se pois a aconselhar os produtores a não exportarem para Itália e a exercer mesmo influência sôbre algumas emprêsas subvencionadas pelo Govêrno.

O problema apresenta-se, portanto, de difícil solução. Tanto mais que nêle estão envolvidos os interêsses das poderosas empresas petroleiras que exercem, neste caso, influências secretas que tornam difícil um acôrdo.

Assim, esta sanção, sendo a mais eficaz, é também a que maiores dificuldades apresenta para aplicação na prática. E isso justifica as hesitações de Genebra em se servir duma arma, que pode redundar em desprestígio do todo o sistema.

Entretanto, a inquietação em Itália aumenta. A ameaça que pesa sôbre o país é sem dúvida terrível. Qual será a sua reacção no caso do golpe chegar a ser vibrado? Na opinião de muitos, Mussolini dará ordem de retirada teatral aos seus delegados em Genebra. Será um mero protesto platónico que em nada modificará a situação.

A hipótese dum acto de desespêro, representado por um ataque súbito à esquadra britânica, parece dia a dia mais improvável. E' se levado a crer que as sugestões mais ou menos discretas feitas nesse sentido, nunca passaram de expedientes ingénuos destinados a amedrontar a S. D. N.

A angústia italiana é neste caso fàcilmente compreensível. Se o embargo fôr votado e as reservas do país se encontrarem esgotadas antes duma vitória decisiva sôbre os abexins, o exército invasor ficará exposto a um terrível revez. Tôda a máquina militar de que a Itália se orgulha será atacada de paralisia e os etíopes terão então sôbre os invasores nítida vantagem.

Esta hipótese não convém igualmente aos ingleses. Uma vitória retumbante dum país de raça negra teria graves inconvenientes para as potências coloniais.

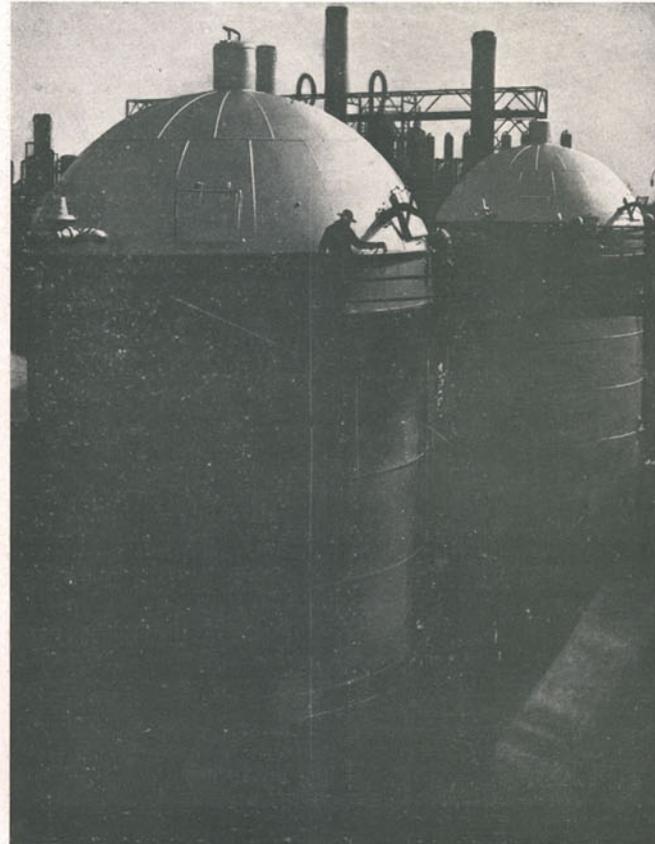
E' de supor, portanto, que a questão não chegue a êsses extremos. Mas é também difícil prever qual será a solução definitiva dêste problema que se afigura hoje insolúvel.

■

A importância do petróleo nunca foi esquecida pelos dirigentes da política do Império Britânico. Em todos os jazigos situados ao longo do caminho das Índias o capital inglês luta pela supremacia. Em alguns casos o accionista é o próprio Almirantado. A frase de Lord Curzon: «quem tem o petróleo tem o Império», está pois bem presente no espírito dos estadistas britânicos.

Contudo, a metrópole, que é abundantíssima em hulha, não possue petróleo. E desde que a marinha de guerra substituiu o carvão pelos óleos pesados, êsse facto constitue um grave inconveniente, cuja solução aquietaria muitas das preocupações da Inglaterra.

Procura-se, portanto, produzir o petróleo sintético por meio da hidrogenização da hulha. É o que já se começou a fazer, numa escala limitada, com os melhores resultados.

O PRINCIPE CARVOEIRO

A princesa Vitória de Hohenzollern com o seu marido

Morreu há dias, no Luxemburgo, um indivíduo chamado Alexandre Zubkof que desempenhava as funcções de carvoeiro num hotel daquêle principado.

O caso teria passado despercebido, visto morrerem carvoeiros todos os dias sem que as agências de grande informação se preocupem com isso.

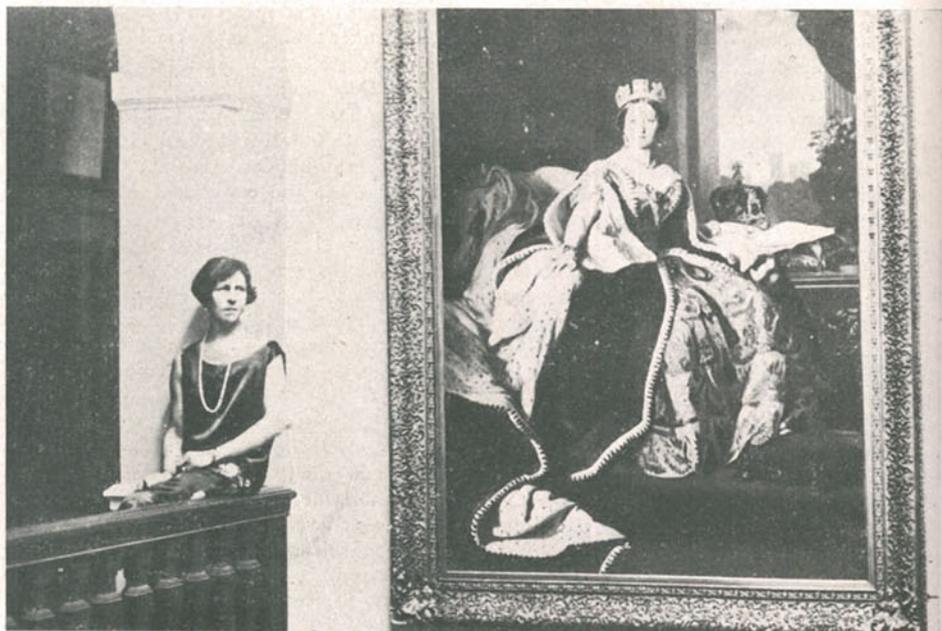
Um carvoeiro a menos, que importaria ao mundo?

É que êsse rapaz falecido agora no Luxemburgo, com 35 anos, havia sido o famoso aventureiro russo que tivera antes de conquistar o coração da princesa Victória da Prússia, irmã do kaiser, a ponto de a levar aos pés do altar como espôsa. Ela já passava dos sessenta, e êle tinha completado os vinte havia pouco tempo. Mas que importava isso se o amôr não escolhe idades, e o coração nunca envelhece?

Logo após a guerra, Alexandre Zubkof, dando-se ares de homem fatal, conseguiu entrar na intimidade da velha princesa, dizendo-lhe talvez que nunca em dias da sua vida, embora curta, encontrara tão sedutôra mulher! Seria uma princesa para todo o mundo, mas para êle era mais do que isso, era a imperatriz do seu coração.

Andava a correr terras, na intenção de representar ao vivo o heroi dos *Sinos de Corneville*, e, durante as suas longas viagens, "sulcando os mares, encontrara peruvianas, italianas, circassianas, lindas burguesas, mil camponesas e até princesas„, mas nenhuma como a sua adorada Victória de Hohenzollern. Encontrara finalmente a deusa dos seus sonhos, e, por isso, não arredava dali, tal como o inocente passarinho que se sente fascinado pela cobra magestosa. E assim passou a viver no palácio de Schaumburg, no Rêno, rodeado de todo o confôrto e com tôdas as honras de um verdadeiro príncipe.

O dinheiro da confiada princesa passou a ser arejado como nunca ante a indignação de tôdas as pessôas amigas da família imperial e até dos próprios criados.

Assim decorreram cinco anos, até que o aventureiro se resolveu pagar a sua dívida de honra, casando-se com a princesa, apesar de todos os esforços empregados pelo kaiser para impedir uma tal ligação que, não só lhe conspurcava os pergaminhos, mas lhe dava cabo da fortuna da irmã. Tudo foi em vão. Zubkof casou e, passados tempos, arvorado em marido e senhor, entendeu passar a ser carrasco, chegando a dar cargas de pau na pobre princesa, como se ainda estivesse nas desabrigadas estepas da Sibéria a lidar com bêstas de carga.

Mais uma vez o kaiser tentou intervir, enviando emissários que procuraram obter o divórcio a trôco de compensações razoaveis para as duas partes.

Zubkof não foi humilde a pedir: milhão e meio de marcos-ouro pela princesa sua mulher, e era um ovo por um real! Onde é que se encontraria uma princesa autêntica por tal preço? O kaiser assim o entendeu também, visto ter aceitado a proposta sem discutir nem regatear, sendo imediatamente o pacto levado em contrato.

Faltava só chegar o dinheiro. Enquanto esperava, Zubkof entretinha-se a dar massagens de bengala à princesa que tudo ia suportando com resignação em desconto dos seus pecados.

Quando chegaria o dinheiro do Holanda?

Foi nêste meio tempo que a princesa morreu, inutilizando um dos mais belos negócios do aventureiro.

Escusado será dizer que, após a morte de sua irmã, o kaiser não pensou mais em cumprir o contrato feito com o cunhado. Êste, juntando o pouco que lhe restava do aventuroso consórcio, e após ter descido várias escalas, foi parar como carvoeiro a um hotel do Luxemburgo.

Nos últimos tempos, Zubkof tentou forçar seu cunhado a cumprir o contrato, chegando a entregar o caso a vários advogados franceses. Um dos seus mais curiosos planos consistia em obrigar o kaiser a pagar-lhe o que lhe devia por intermédio da Sociedade das Nações!

O kaiser, no seu exílio de Hoorn, muito deveria ter rido à custa das ilusões do seu cunhado carvoeiro.

Noutros tempos, o celebrado moleiro de Sans-Souci, na sua resposta ao grande Frederico da Prússia, gritara bem alto: "ainda há juizes em Berlim!„

É certo que o moleiro que tão arrogantemente se encrespara com o poderoso soberano da Prússia tinha carradas de razão e daí a sua confiança na inflexibilidade da justiça dos juízes de Berlim. Admitindo mesmo que Guilherme II não tivesse a integridade do seu glorioso antepassado, não deixaria de aceitar como bom o *veredictum* que o condenasse.

Mas a querela do aventureiro que tivera antes de se arvorar em cunhado do Kaiser na intenção de lhe extorquir uma bonita soma de dinheiro não tinha pés nem cabeça, como costuma dizer-se.

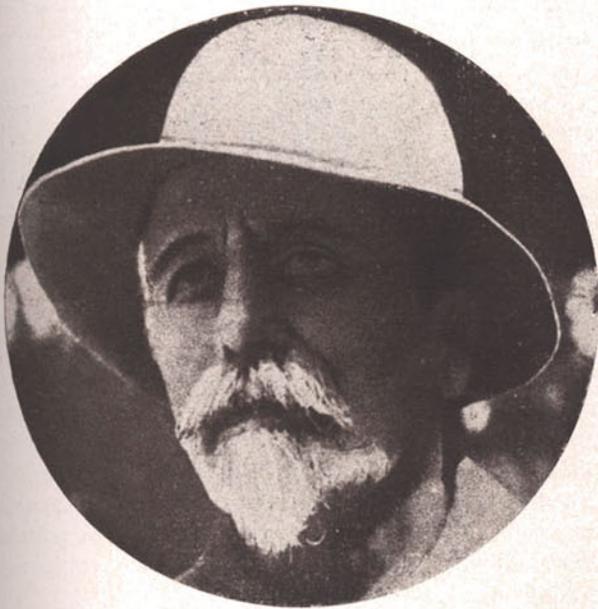
Além disso, a magnificência de Frederico, o Grande, não serviu de exemplo.

Os tempos mudaram. Se a Alemanha, devendo muito mais ao mundo inteiro, arranjou maneira de não pagar a ninguem, como é que o kaiser poderia abrir um mau precedente?

O carvoeiro Zubkof lá morreu a sonhar com o milhão e meio que nunca chegou, enfarruscado de corpo e alma pela sua profissão e pelas feias acções que se fartou de cometer enquanto teve livre trânsito por êste mundo.

A princesa Vitoria junto de um retrato de sua tia a rainha Vitoria de Inglaterra

A vida do "rei das armas"

conhecido por "o homem misterioso da Europa"

Sir Basil Zaharoff

Quási se não pode falar da guerra, armamentos e munições sem evocar a estranha figura de sir Basil Zaharoff, conhecido pela denominação de «o homem misterioso da Europa».

Quem é Zaharoff? Um dos primeiros traficantes de armas do Mundo inteiro. O seu nome está associado a tôdas as questões internacionais do século presente, e a lenda, mais ou menos verdadeira, que à sua volta se criou, apresenta-o como autor dos mais singulares manejos.

O que se sabe de positivo sôbre êste homem é pouco. Apenas que, provindo de origens obscuras, amassou uma das maiores fortunas da Europa. Tipo perfeito de grande traficante internacional, a sua actividade nunca conheceu limites nem aceitou fronteiras. Teve sempre um objectivo único: vender armamento. O destino que lhe era dado não lhe podia interessar. Por isso, onde quere que um conflito surgia era certo encontrá-lo a negociar com os dois litigantes, vendendo armas a amigos e inimigos. A sua gigantesca fortuna tem, portanto, de sinistro o ter sido edificada sôbre os horrores e desolações do campo de batalha.

Donde surgiu êste homem misterioso? Não é fácil dizê-lo. Documentos oficiais, ou pelo menos apresentados como tal, atribuem-lhe quatro naturalidades diferentes. Não que as cidades disputem entre si a honra de lhe ter servido de berço, como sucede com Homero. Mas porque êle próprio parece ter interêsse em manter a incerteza a tal respeito.

Robert Neumann, um dos seus biógrafos, regista no livro que consagra ao misterioso personagem as versões sôbre a sua origem. Em 1873, Zaharoff declarava perante um tribunal inglês ter nascido em Tatavla, bairro miserável de Constantinopla. Mas em 1892, quando é já um membro influente da fabrica de metralhadoras e submarinos Maxim Nordenfelt, exibe uma certidão, validada pelo patriarca de Constantinopla, que o dá como tendo nascido em Mouchliou, na Austrália. Noutra ocasião, Zaharoff declarou ter nascido em Constantinopla, mas em Phanar, que é o bairro aristocrático da cidade. E, finalmente, um indivíduo que se apresenta como seu filho natural atribue-lhe ainda outra origem.

Êste pormenor, que não tem aliás grande interêsse, mostra a que ponto são confusas e contraditórias as lendas que correm sôbre o poderoso «rei das armas» e que êle próprio tem fomentado para melhor passar despercebida a sua actividade.

A sua existência tem o caracter duma maravilhosa ascensão. Eis em resumo como a reconstituiu, por meio de pacientes investigações, o biógrafo atrás citado:

Em 1873, Basil Zaharoff encontra-se em Londres, onde esteve a contas com a justiça, acusado de desviar mercadorias pertencentes a um tal Hiphantides, comerciante em Constantinopla. O tribunal não se mostrou severo e Zaharoff obteve a liberdade mediante uma caução de 100 libras.

Quatro anos depois aparece como representante da firma Nordenfelt nos Balcans. Êste Nordenfelt é um inventor que obteve numerosas patentes sôbre a técnica das armas e construiu o primeiro submarino que pôde realmente navegar e manobrar debaixo de água.

Logo que o tratado de Berlim pôs fim à guerra turco-russa, Zaharoff vende dois submarinos à Turquia, sua presumível pátria. Até aqui nada de mais natural. Mas logo a seguir vende também à Rússia, a inimiga da véspera.

Tempo depois Zaharoff consegue eliminar o seu sócio Nordenfelt e liga-se com o inventor de metralhadoras Maxim. A nova firma Maxim-Zaharoff adquire reputação graças à inexcedível habilidade do misterioso turco para conduzir os negocios. Assim, anos mais tarde a «Vickers» compra-a por 1.353.334 libras, que são pagas parte em dinheiro, parte em acções. Zaharoff tomava dêste modo de assalto a poderosa emprêsa britânica, onde a sua influência ia desenvolver-se de forma surpreendente. De então para cá toda a acção do «rei das armas» gira, sobretudo, em torno desta firma.

Para que se faça uma idea do que foi a actividade da «Vickers» durante a Grande Guerra citamos alguns dados colhidos no livro de Robert Neumann:

No periodo 1914 a 1918 aquela firma forneceu: 4 «dreadnoughts», 3 couraçados, 53 submarinos, 62 barcos pequenos, 3 navios auxiliares, 3.328 canhões pesados, de marinha, de campanha e obuzes, 100.000 metralhadoras, 5.500 aviões e um número desconhecido de blindagens e armas ligeiras. Calcula-se que estas operações tenham rendido à «Vickers» 44 milhões de libras e que 60 % dêste lucro tenham ido parar às mãos de Basil Zaharoff.

Outra fotografia do famoso «rei das armas»

■

Os processos de que êste homem misterioso se serviu para afirmar a sua influência são motivo de anecdotas curiosas de que vamos reproduzir duas.

Em certa ocasião, Zaharoff operava na Rússia e tentava obter uma importante encomenda de material de guerra. O negócio parecia bem encaminhado, mas encontrava resistência por parte de certo major. Este oficial fumava e Zaharoff teve a idea de meter uma nota de mil rublos na sua cigarreira, oferecendo-lhe depois um cigarro e desviando discretamente a vista. Quando se serviu, Zaharoff pôde verificar que a nota tinha desaparecido. Mas o major permanecia irredutível. Zaharoff estava prestes a desanimar quando o seu interlocutor lhe disse num tom desafectado:

— Quere fazer o favor de me oferecer outro cigarro...

■

O negócio não estava, porém, concluido. Restava uma última resistência por parte do general X... Zaharoff conseguiu ser convidado para um chá em casa dêste. A dona da casa estava só. O vendedor de armamento circundou um olhar distraído pelo aposento e a sua atenção pareceu fixar-se no lustre de vidro pendente do tecto. Por fim, exclamou:

— Que admirável obra de arte!

O objecto não tinha qualquer valor. A esposa do general assim lho disse, mas Zaharoff insistiu na sua admiração. Afirmou que era coleccionador e sabia bem o que dizia. E propôs:

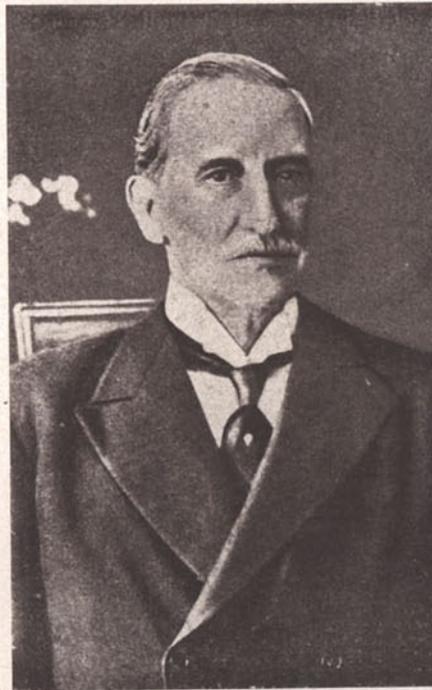
— Vai julgar-me talvez inconveniente, minha senhora. Mas desejaria muito possuir êste lustre na minha colecção. Quereria ceder-mo por 100.000 rublos.

— Vou consultar meu marido.

No dia seguinte, Zaharoff foi outra vez convidado para tomar chá e a dona da casa comunicou-lhe:

— Fazemos muita estimação neste lustre. Em todo o caso meu marido estaria disposto a cedê-lo por 150.000 rublos.

O lustre ficou em poder de Zaharoff e poucos dias depois o negócio do armamento estava concluido.

■

Há na vida do poderoso «rei das armas» um idílio. Em 1889, conheceu em Espanha a duquesa de Marchena e Villafranca, esposa dum Bourbon, primo de Afonso XIII. O marido estava louco e internado. .. possível que Zaharoff pensasse de começo em se servir dela para obter encomendas do Govêrno espanhol. Mas em breve se apaixonou e foi correspondido. Esperou 34 anos a morte do louco, que ocorreu em 1923. No ano seguinte, a 22 de Setembro, o antigo garoto de Tatavla casava com a viuva dum Bourbon. A cerimónia realizou-se em grande segrêdo na administração de Arronville, a que pertencia o castelo de Balincourt, onde a duquesa vivia já há alguns anos. Era o coroamento da sua carreira e a recompensa da sua longa fidelidade.

Foi porém de curta duração esta felicidade tão persistentemente esperada. Em 26 de Fevereiro de 1926, a duquesa de Marchena e Villafranca morria.

Basil Zaharoff consome hoje a sua velhice solitária nas paragens encantadoras da Côte d'Azur. Abandonou quási por completo os negócios e vive rodeado de todo o conforto que a sua imensa fortuna lhe pode proporcionar. Carregado com as mais altas condecorações: grã-cruz da Legião de Honra, Ordem do Banho, etc., tem distribuido milhões às obras filantrópicas e aos artistas.

O remorso da sua actividade nefasta atormenta-o algumas vezes? Compreenderá que o dinheiro que amontoou é o preço de muitas vidas inocentes? Eis um mistério de consciência que nunca chegará provàvelmente a ser revelado.

ASPIRAÇÕ EGÍTIMAS

Quando é que abr Teatro de S. Carlos?

Um apêlo em p a Arte Nacional

P. A. Carrcé copiou. Fonᵗᵉ Filho esculp.

Teatro de S. Carlos

É indispensavel abrir o Teatro de S. Carlos para prestígio da Arte Nacional. Enquanto a Itália se orgulha com o seu Scala, de Milão, nós desprezamos S. Carlos que esteve sempre muito acima do grande Teatro Lírico Italiano.

As mais consideradas celebridades mundiais poderiam ter conquistado aplausos no Scala, mas careciam absolutamente do voto da plateia de S. Carlos. Se não agradassem aqui, não havia Scala possível que as salvasse.

Porque não reabre o Teatro de S. Carlos de tão gloriosas tradições?

Há dias, alguém de bom gôsto e fina inteligência alvitrou que fôsse encarregada do estudo da questão uma comissão constituída por homens de bôa vontade e superior talento.

Lembrou também a vantagem de ser feita uma consulta, para assinaturas, aos antigos assinantes e às pessôas da sociedade actual que estivessem em circunstâncias de poder assinar.

Aqui é que não percebemos bem, a menos que exista já aparelhagem própria para se registar com segurança as possibilidades intelectuais e monetárias de cada um. Poderão dizer que, na maior parte dos concertos sinfónicos, aparecem dezenas e dezenas de pessôas que, ao ouvirem um trecho de Beethoven ou um lamento de Mozart, bocejam com saudades de um fado da Maria Alice ou duma marcha carnavalêsca mais em voga. Mas que nos importa isso? E' conhecida a história do pôrco que à força de lidar com o seu dono, homem de bôas maneiras e muito limpo, se converteu ao aceio, não aceitando a refeição sem lhe terem colocado no peitoral um guardanapo bordado. Portanto, das possibilidades intelectuais pouco haveria a recear; quanto às monetárias, a bilheteira do Teatro seria o barómetro. E isto, no fim de contas, é o que poderia interessar.

Reaberto o S. Carlos com todo o seu esplendor, veriam como todos os seus frequentadores dariam provas eloqüentissimas da sua educação artística. E se muitos dêles andassem como o pôrco, de guardanapo entalado a fingir de limpos, que mal haveria nisto? Dêsde que se portassem com a necessária hipocrisia, tudo o mais reverteria a favor da bilheteira.

Abram S. Carlos, pelo amôr de Deus, e não se preocupem com as pérolas atiradas a porcos, pois ainda há muita gente aceada, muita. Os outros são os menos.

Em 1816, a "Mnemósine Lusitana", referindo-se a esta magnífica casa de espectáculos que Pina Manique, para descargo da sua alma fez erguer em benefício da alegria popular, registava que "os mais distintos e famosos artistas em música conhecidos na Europa e que tinham estado ao serviço dêste Teatro eram as senhoras Catalani, Bertinotti, Gaforini, Lessi, Eckart, e os senhores Crescentini, Mombelli, Tremesani, Naldi e outros que receberam as homenagens e os aplausos que os portugueses sabem conferir ao verdadeiro mérito.

Tantos italianos, dirão. É ainda a "Mnemósine Lusitana" que salienta:

"Para que não se julgue que nesta nobre e dificultosa Arte não tem havido ninguem da Nação Portuguesa que haja merecido entrar na lista das primeiras cantoras, o grito da verdade e a glória da Nação nesta parte nos obrigam a fazer especial menção da senhora D. Luiza Todi, hoje residente nesta capital. Esta célebre cantora mereceu distintos elogios em Itália, e França, e nas mais partes onde foi ouvido o seu canto, e muito particularmente na Russia, onde teve a honra de ter por discípulas as sereníssimas princesas daquêle império. A modéstia desta senhora, hoje de provecta idade, não consentirá que se lhe forme um maior elogio, porém não pode estorvar que se relate o que o buril publicou do seu distinto mérito na cidade de Veneza, em conseqüência dos talentos que patenteara na representação dos dramas "Dido e "Cleófide", do grande poeta Pietro Metastasio. Nesta estampa, gravada em Veneza, no ano de 1791, não vê o retrato desta cantora com os trajos do teatro, representando a rainha Dido, com esta legenda em baixo:

LUIGIA TODI

A Lei, mentre rappresenta Didone

Tu di Didone il core
Si bene a noi dipingi,
Che da stupir non é,
Se quell' ardente amore,
Che per Enea tu fingi,
Noi lo sentiam per te.

A Lei, mentre giace ammalata

E come inferma ancor langue costei,
Se dio del canto e medico tu sei?

A Lei, mentre rappresenta Cleofide

Quando Prometeo colla man ardita
Prendere il foco osò dal firmamento,
Ei non diede ai mortali che la vita;
Tu loro infondi, o Elisa, il sentimento.

Luiza Todi

Era assim que a Itália, a pátria dos grandes cantores, sabia apreciar o merecimento e as qualidades de uma portuguesa insigne no canto e na arte da representação dramática."

Nesse tempo, a empresa do Teatro de S. Carlos tinha a seu cargo a Sociedade dos Actores do Teatro Nacional da Rua dos Condes, e ostentava como primeiros artistas: Neri e Vergé, primeiras damas sérias; Favini e Fensi, primeiras damas cómicas; Mary, primeiro tenor, e Martinelli, primeiro buffo; em dança, Coralli e Gerard, primeiros bailarinos.

Bons tempos êsses! Porque não procuramos fazê-los voltar, ou pelo menos evocá-los o mais dignamente possível?

Alvitrava ainda o ilustre anónimo que, sendo aberto o Teatro de S. Carlos, não deveria pensar-se, de começo, em ouvir celebridades pagas a pêso de oiro.

A não ser o Titta Ruffo! — pode alguem retorquir dando largas às suas preferências artísticas. Ah! mas o Titta Ruffo não virá a S. Carlos, descansem... Não virá por dois motivos de pêso: porque está velho para um palco tão amplo que o constiparia gravemente, e porque, a vir, não deixaria de ir para o Gimnásio que deve ter a primazia em face de contrato feito.

Outro alvitre do ilustre anónimo:

"Empregar os cantores nacionais, de profissão ou amadores, que estamos ouvindo por via das estações emissoras".

Achamos óptimo. Mas, por êste andar, não tardaria que o lugar da divina Todi estivesse empolgado pela cantadeira de fados mais em voga, e que a desventurada Dido, em vez de se matar com o alfange do prófugo Dardânio, procurasse uma navalhada na rua do Capelão, com música do filme "A Severa" e coplas da opereta "A Mouraria".

E então seria encantador ver a gloriosa fundadora de Cartago, erguer-se em tôda a sua desenvoltura canalha, e cantar para o ingénuo Enéas que lhe acabara de contar como escapara de Troia, levando o pai às costas, estas verdades elucidativas:

«Foi um beijo venenoso,
Demorado, langoroso,
Que perversa me tornou;
Eu faço o que me fizeram,
Pois ninguem foge ao seu fado:
Foi a mentir que mo deram
E' a mentir que eu o dou.»

Ah! que se a Todi pudesse ouvir isto, havia de morder-se de inveja.

Segundo outro alvitre, do bem intencionado anónimo, deveria ser aumentado o público ouvinte, e de certo modo pagante, por meio das estações emissoras e das pessoas que possúem aparelhos de telefonia, devendo o Estado e a Câmara Municipal de Lisboa concorrer também, na medida do possível, visto tratar-se de uma medida de interêsse público e nacional.

Em face de tão acertadas bases não existe já motivo para se conservar fechado o Teatro de S. Carlos.

Temos artistas de reconhecido mérito que os mais adiantados países estranjeiros aplaudem e consideram. A êles compete a missão de elaborar a melhor maneira de reabrir o Teatro de S. Carlos e fazer renascer na sua gloriosa plateia a justa boa fama de que por tantos anos gozou.

Se a Itália se orgulha do seu magnífico Scala, de Milão, nós temos maior direito de ostentar o nosso orgulho a bem de Portugal e dos autênticos artistas que temos.

Abram o Teatro de S. Carlos, e não tenham pena das pérolas que podem perder-se nas estrumeiras suínas.

Se é ali o verdadeiro templo da Arte Lírica Nacional, é ali que devemos depôr as nossas oferendas.

A sala do Scala, de Milão

HISTÓRIA NATURAL

Os últimos sobreviventes DA IDADE DOS RÉPTEIS

É conhecido o sentimento de repulsa que os mais inocentes répteis inspiram a grande número de pessoas. A crendice popular vai mesmo ao ponto de atribuir a êsses animais — no nosso país pela maior parte inofensivos — os piores malefícios.

Êste sentimento, cujas manifestações são hoje as mais das vezes injustificadas, tem possivelmente origem ancestral. Como se sabe, os répteis — que com os insectos formam as duas linhas mais estranhas da criação animal — predominaram na superfície do globo numa época muito recuada e os primeiros homens devem ter vivido sôb a sua terrível ameaça.

Foi durante a época secundária — que os geologos calculam ter durado vinte milhões de anos — que os répteis exerceram o seu reinado sôbre a Terra. Reinado incontestado que se exercia sôbre todos os domínios: terrestre, aquático e aéreo. Espécies diversas tinham-se adaptado a viver nêstes três elementos, revestindo fórmas que a mais audaciosa imaginação não ousaria conceber.

Os esqueletos fosseis encontrados em diversos pontos do globo e os pacientes trabalhos dos sábios, têm permitido reconstituir esta fauna espantosa que fez atribuir à época secundária a designação da «Idade dos Répteis».

Sabemos assim que êsses répteis diferiam totalmente dos que hoje povoam a Terra. Alguns dêles mediam, da cabeça à ponta da cauda quarenta e cinco a cinqüenta metros de comprido e tinham o respeitavel pêso de cêrca de de quarenta toneladas. Com estas gigantêscas proporções, o seu aspécto era pouco atraente: crânios desproporcionadente pequenos, espessas couraças, patas curtas e armadas de garras terríveis.

O seu aspécto fantástico variava com as suas condições de existência. Alguns tinham a fórma de gigantêscos passaros. Imagine-se uma espécie de avestruz com vinte e cinco metros de comprimento, que se alimentava de pequenos pássaros. Pormenor curioso: êste réptil não tinha dentes, ao passo que os pássaros que caçava os tinham, ao contrário do que sucede actualmente.

Outros répteis herbívoros estavam, porém, bem dotados de dentes. As máxilas duma certa espécie eram guarnecidos com cêrca de dois mil dentes!

Estes herbívoros eram quadrúpedes e possuiam uma cauda muito longa. O seu aspécto poderia evocar vagamente o das actuais girafas, por causa do pescôço muito comprido que lhes permitia colher o alimento nas mais altas árvores. Algumas espécies não podiam suportar sôbre as patas o pêso excessivo do corpo. Estavam condenados a uma vida aquática e habitavam as águas turvas dos oceanos recentemente formados.

Porque razão desapareceram êstes animais da superfície do Globo? Darwin apresenta-os como vencidos na luta pela existência. Em sua opinião, os mamíferos comendo os ovos dos repteis impediram a reprodução das espécies. Lamarck é de outro parecer — supõe que uma baixa considerável de temperatura, a que não puderam adaptar-se, provocou a sua extinção.

Há ainda uma terceira teoria. E' a que atribue à Natureza um impulso confuso para objectivos ignorados. Os répteis teriam sido um êrro da criação. A Natureza ter-se-ia enganado ao criar formas tão poderosas e extraordinárias, e destruiu a sua obra para a recomeçar num sentido diferente.

Mas teriam, na verdade, êsses animais prehistóricos desaparecido completamente da superfície da Terra?

A questão tem servido de pretexto às divagações dos escritores, de que é exemplo admirável a obra de Edgar Poë, «Mundo Perdido», que a «Ilustração» publicou em tempos.

As recentes notícias sôbre o hipotético monstro de Loch Ness, deram nova actualidade ao assunto. Os répteis da época secundária foram recordados a propósito e discutida a possibilidade dum sobrevivente se encontrar no célebre lago.

Embora improvável, a hipótese de existirem ainda hoje descendentes dos gigantescos animais da época secundária não é inteiramente absurda. Se alguns dêles procuraram refúgio e se adaptaram às profundidades abissais dos oceanos, muito tempo pode decorrer ainda antes que sejam conhecidos pela ciência. O comandante dum submarino alemão conta que ao torpedear um barco no Mediterrânio, viu erguer-se das águas revolvidas pela explosão um animal de formas e dimensões fantásticas. Alucinação? Não é fácil sabê-lo ao certo. O facto é que, impressionado por essa estranha visão, o oficial germânico traçou um esboço em que reproduz o que viu.

No domínio das realidades, o que se pode afirmar é que ainda hoje existem proximos parentes dêsses estranhos animais. Tal é o caso dos dragões de Komodo, existentes no Zoo de Londres que reproduzimos nesta página e que apresentam flagrante semelhança com os dinosaurios. Estes répteis, que só se encontram nas ilhas de Komodo, Rintja e Flores, a oriente de Java, chegam a atingir três metros comprimento e dão-nos por isso uma ideia pálida do que teriam sido os seus gigantescos antepassados.

NOTAS GRÁFICAS

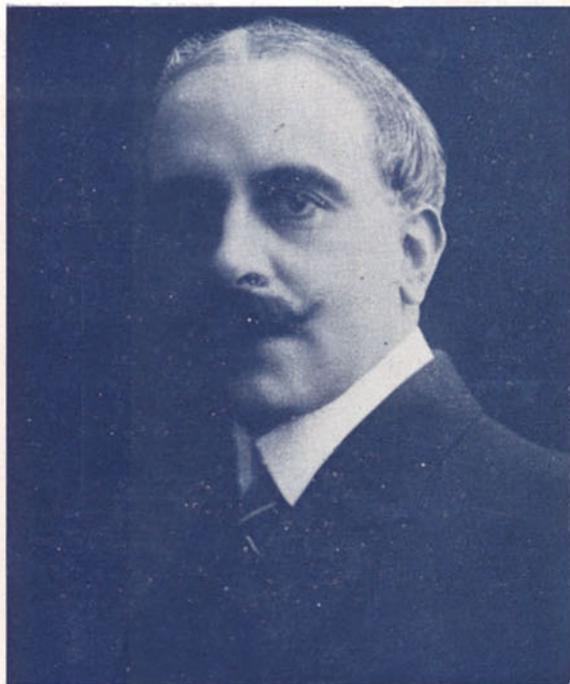
Grande Baile da Universidade

Nos salões do «Maxim's» realizou-se no dia 8 dêste mês uma festa intitulada «Grande Baile da Universidade», organizada pelo Orfeão Académico de Lisboa e a que o sr. dr. Caeiro da Mata, na qualidade de reitor da Universidade presidiu. A assistência era composta pelas primeiras figuras da sociedade de Lisboa. Abrilhantaram a festa números de «music hall» realizados por estudantes. Vasco Ayala interpretou, com muito brilho, a sentimental «Balada» do sr. dr. Vitorino de Almeida, presidente do O. A. L. Os dois irmãos Júlio e Nuno da Cunha Gonçalves interpretaram, o primeiro, canções várias, o segundo, solos de guitarra «hawaiana». Mlle. Castro Ferreira, cantou, maravilhosamente, alguns «foxs» americanos. Nos intervalos de música das duas magníficas orquestras, o grupo de «foxs» «Reveller's», composto só por alunos universitários, executou, com grande êxito, algus números.

Propaganda turística

Convidados pela «Casa de Portugal» em Paris, vieram ao nosso país os chefes de serviço das agências internacionais de viagens, que visitaram os nossos principais centros de turismo. A nossa gravura mostra um aspecto do banquete que pela Sociedade Propaganda da Costa do Sol lhes foi oferecido no salão de festas do Casino Estoril. Muito há a esperar desta inteligente iniciativa para o desenvolvimento do turismo nacional.

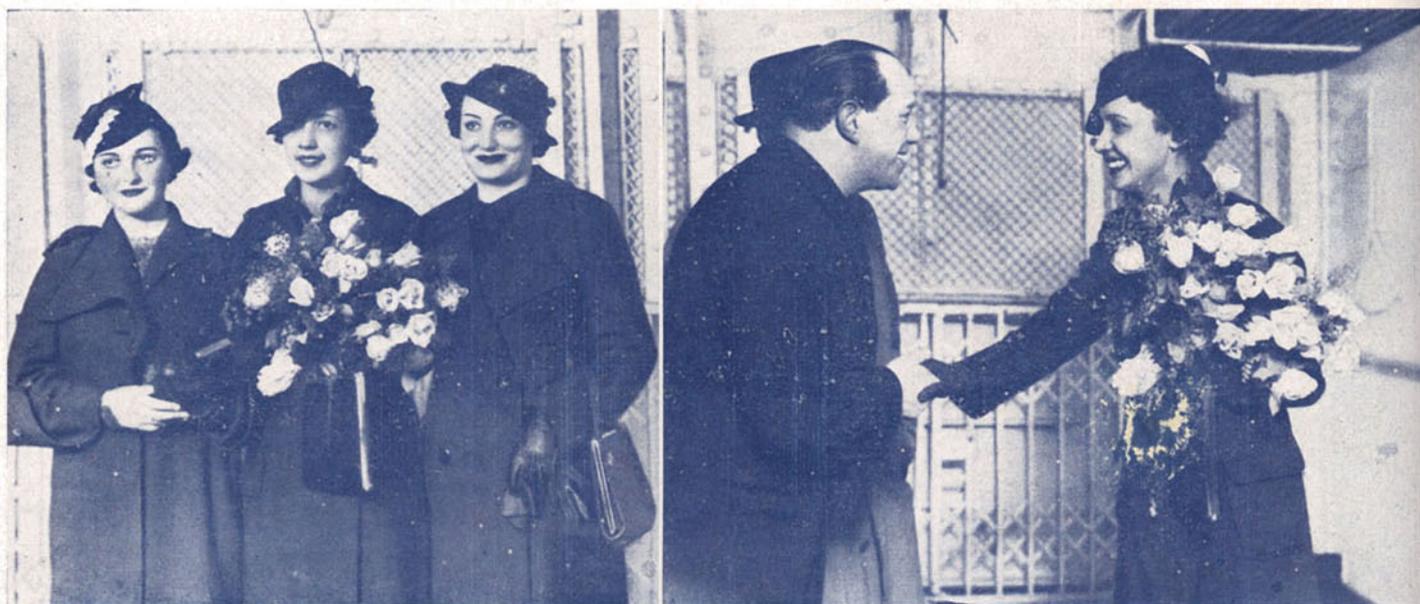
Aniversário da República Espanhola

A Espanha comemorou no dia 11 dêste mês o aniversário da proclamação do seu regimen republicano. A colónia espanhola de Lisboa associou-se a essa manifestação e o sr. embaixador de Espanha deu recepção aos membros da referida colónia. A nossa gravura mostra o ilustre diplomata com alguns dos seus compatriotas que concorreram à recepção.

Dr. Júlio Dantas

A Academia Espanhola acaba de eleger por unanimidade para seu membro o eminente homem de letras sr. dr. Júlio Dantas. Para esta decisão — que honrando-o, honra tambem Portugal, — contribuiu não só o muito aprêço em que a obra do presidente da nossa Academia é tida no país visinho, mas a sua recente viagem a Madrid, que permitiu aos meios inteletuais espanhois conhecer de perto a sua personalidade, cheia de aprumo e simpatia.

D. Manuel II, por João Reis

Para a Sala dos Duques do Paço de Vila Viçosa, acaba o ilustre pintor João Reis de dar os últimos retoques no admirável retrato de D. Manuel II, que a gravura abaixo reproduz. A circunstância do modêlo já não ser vivo constituiu uma dificuldade, de que o artista se soube saír, mercê das suas grandes faculdades. O seu trabalho é perfeito e inteiramente digno de figurar a par dos que decoram a célebre sala a que se destina.

Chegada a Lisboa da intérprete brasileira do filme "Bocage"

A bordo do paquete «Monte Pascoal» chegou no dia 6 a Lisboa, a sr.ª D. Celita Bastos, escolhida por concurso organizado pelo «Diário Português», para interpretar o papel de brasileira do filme histórico «Bocage» que Leitão de Barros vai realizar. Ao cais de desembarque acorreu grande número de pessoas que dispensaram á gentil artista uma carinhosa manifestação de simpatia. Viam-se ali, entre muitos outros, os artistas que tomarão parte no desempenho do filme: a insinuante Maria Velez, primeira classificada do concurso feito em Portugal; Maria Castelar, a gentilíssima «Francisquinha» de «As Pupilas»; Estevão Amarante, que desempenhará a figura do imortal vate; Lino Ferreira, o inesquecível «João Semana» do filme inspirado na obra de Júlio Deniz; Raul de Carvalho, e os operadores Joseph Barth e Salazar Deniz. As gravuras mostram: ao alto, à esquerda, D. Celita entre Maria Castelar e Maria Velez. Ao alto, Estevão Amarante cumprimentando a sua nova colega e em baixo, a jóvem brasileira rodeada por algumas das pessoas que a foram esperar ao desembarque.

DUAS CONFERÊNCIAS NOTÁVEIS

Inaugurando os trabalhos da Associação Portuguesa de Urologia, o sr. dr. Francisco Gentil realizou uma conferência em que estudou pormenorizadamente um importante problema cirúrgico, expondo teorias modernas e observações realizadas no Instituto Português de Oncologia sob a sua direcção.

Sob a presidência do Chefe do Estado, a sr. D. Amália Proença Norte realizou na Sociedade de Geografia uma conferência sôbre o tema «Os grandes valores de Portugal». A gravura mostra a conferente com o Chefe do Estado, ministros das Colónias e Instrução e conde de Penha Garcia.

FIGURAS E FACTOS

Delegação portuguesa aos funerais de Jorge V

PORTUGAL fez-se representar nos funerais do rei Jorge V de Inglaterra por uma embaixada composta pelos senhores ministros dos Negócios Estrangeiros, Guerra e Marinha, general Vieira da Rocha e almirante Oliveira Muzanti. Tanto em Londres como à sua passagem em Paris, de regresso a Lisboa, o sr. ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Armindo Monteiro, efectuou importantes entrevistas com os srs. Eden e Flandin, seus colegas respectivamente do Govêrno britânico e francês. A gravura mostra um aspecto da chegada da embaixada à estação do Rossio

Dr. Antero de Figueiredo

A secção de letras da Academia das Ciências reüniu em 13 do corrente, sob a presidência do sr. dr. Júlio Dantas, secretariado pelos srs. Joaquim Leitão e Mosés Amzalac, para atribuição do «Prémio Ricardo Malheiros» relativo a 1935. Foi resolvido conferir essa distinção ao livro «Miradouro» do ilustre escritor sr. dr. Antero de Figueiredo. Esta consagração, que corresponde a um acto de inteira justiça. significa também o reconhecimento da nobre acção do escritor que com tanto esmero e elevação tem cultivado a lingua portuguesa.

Exposição de pintura

O pintor espanhol D. Fernando de Sotomayor e suas filhas D. Pilar e D. Maria del Carmen realizaram na Sociedade Nacional de Belas Artes uma exposição dos seus quadros. Em cima: aspecto da inauguração, vendo-se o Chefe do Estado, o sr. ministro da instrucção e o sr. embaixador da Espanha, com as filhas do expositor D. Pilar e D. Maria del Carmen.

Estudantes de Farmácia

Os estudantes da Escola Superior de Farmácia da Universidade de Lisboa organizaram uma animada matinée-dançante, que se realizou no dia 2 dêste mês. A festa, que teve grande animação foi presidida pelo sr. dr. Lupi Nogueira, director da Faculdade de Farmácia. Foi anunciada para breve a representação duma revista intitulada «As pirulas do sr. Doutor»

Cruzeiro Aéreo às Colónias

A esquadrilha militar que toma parte no Cruzeiro às Colónias chegou no dia 29 do mês passado a Lourenço Marques, onde lhe foi tributada pela população da importante cidade, uma recepção apoteótica. Ficou assim completada, com notável regularidade, a ligação aérea entre a Metrópole e Moçambique. Ao contrário do que se afirmou, a ideia do regresso da esquadrilha a Lisboa por via aérea não foi abandonada, devendo, no entanto, realizar-se com menor número de aparelhos, pois os que necessitem de reparações serão embarcados em Lourenço Marques com destino a Lisboa A gravura reproduzida aqui ao lado, mostra os aviadores à passagem em Leopoldville, no Congo Belga. Ao centro vê-se o sr. coronel Cifka Duarte entre o governador sr. Richmans e sua esposa.

Em todos os outros pontos da escala, os aviadores portugueses tem tido afectuosas recepções que, como é natural, atingem no território português a sua maior animação. Este facto realça o interêsse espiritual da viagem que aproxima os portugueses espalhados no continente africano.

O AUDACIOSO ROUBO DA SERRA DA ESTRELA

Desvenda-se finalmente quem foi o engenhoso ladrão

Fiel á sua promessa, o detective que se ocupou na descoberta do roubo do hotel da Serra da Estrela, vem hoje explicar aos leitores da «Ilustração» como orientou as suas diligências até o apuramento final e definitivo.

Apenas chegou ao hotel, passou uma busca minuciosa a todos os quartos, verificando que tudo condizia com o relato feito pelos agentes roubados.

Pouco depois, chegou a esta conclusão:

O ladrão deve ter sido o hóspede belga.

— Essa agora! E qual o indício comprometedor?

— É fàcil de encontrar. Logo que o agente teve a imprudencia de revelar a importante quantia que levava na pasta, não foi o belga que alvitrou o jogo das cartas, e, ante a afirmativa dos circunstantes, se apressou a subir ao seu quarto, afim de trazer um baralho que dizia ter guardado na mala?

— Foi o belga, sim, senhor.

— Não se demorou uns dez minutos, pelo menos?

— Isso mesmo.

— Pois bem: o belga subiu ao seu quarto com o pretexto de procurar as cartas de jogar, e, logo que chegou ali, deitou pela janela uma ponta de fio dobrado com o comprimento preciso para chegar á porta da rua. Como sabem, o quarto do belga ficava nessa direcção. Desceu despreocupadamente, e começou o jogo, quando alguem se lembrou de aludir ao temporal. Foi ainda o belga que se levantou a fim de certificar-se do tempo que fazia, se ainda nevava, e assim poder fazer uma previsão segura sôbre a manhã que os esperava. Abriu a porta, e saíu uns momentos até à estrada, aproveitando o ensejo de passar o fio dobrado pela aldraba da porta. Quando todos dormiam já, abriu a porta do quarto, e foi desenrolando o fio até o fundo das escadas que, como sabem, se encontravam às escuras. Nessa altura, puxando e alargando o fio, fez bater a aldraba, o que levou o agente a ir vêr quem batia. Aproveitando a ocasião em que o polícia espreitava pelo postigo, o belga desceu os poucos degraus que lhe faltavam e correu a ocultar-se na despensa. Ali aguardou o momento asado para agir. Quando o agente de guarda, sentado ao fogão, fazia por cumprir fielmente a sua missão, o belga, saindo do seu esconderijo, aproximou-se dêle sem ser pressentido, e descarregou-lhe a pancada de *cassetête* que o fez perder o acôrdo. Tudo isto foi praticado sem ruído, visto que o outro agente, recolhido no cubículo contíguo, nem sequer o acordou.

Praticado o roubo, o ladrão voltou para o seu quarto, e, largando uma das pontas do fio, recolheu-o novamente sem deixar vestígios.

— Mas como conseguiu chegar a esta conclusão?

— Muito facilmente. Logo que cheguei, pude verificar que nenhum dos hóspedes saíu à rua após a chegada dos agentes, a não ser o belga que pretextara ir vêr o tempo que fazia. Estão até lembrados de que voltou em seguida para dizer que «já nevava menos e que o vento tinha mudado, tudo levando a crêr um próximo bom dia». Isto fez-me impressão. Ninguém tinha batido à porta, pois, como devem estar lembrados, o agente, ao espreitar pelo postigo, verificou que já não nevava e que o céu estava limpo. Portanto, quem tivesse passado na estrada, deixaria as pègadas na neve.

Foi êste o ponto em que me apoiei para chegar à minha conclusão. Que a aldraba da porta bateu, disso não restava a sombra de uma dúvida. Quem se teria aproximado da porta? Pensei que a aldraba podia funcionar por meio de um fio. Verifiquei então que a janela que ficava sôbre a porta era a do quarto do belga. Diabo! A prontidão com que foi buscar as cartas de jogar e o tempo que se demorou a procurá-las, não obstante saber muito bem onde as tinha, não eram indícios de grande abonação para êste hóspede.

Apertei a minha investigação, e, de dedução em dedução, reconstituí o roubo. Se os agentes tinham passado uma busca minuciosa ao local que lhes servia de reduto, verificando não haver ninguém escondido nem sob o leito do cubículo contíguo, nem debaixo de qualquer dos poucos móveis que ornavam a sala, nem na despensa, era de calcular que o ladrão descera pela escada, visto não poder vir da rua. Como se introduzira ali? Só no momento, em que o agente espreitava pelo postigo, a dar fé de quem batera à porta, do contrário daria pela sua entrada.

Tinha, portanto, de escolher entre os hóspedes, o hoteleiro e o próprio *chauffeur*. Sim, porque nestes casos temos de desconfiar de tôda a gente.

Feitas as minhas deduções, a figura do belga era a que se me apresentava mais suspeita. Todos os meus cálculos acertavam invariàvelmente na sua pessoa. Reconstituí mentalmente a cêna quatro ou cinco vezes, e sempre o belga tinha mais probabilidades de êxito.

Uma ou duas coincidências ainda se admitiriam, mas tantas, tantas... Ponderei maduramente.

Não havia já que duvidar e apertei-o no mais rigoroso interrogatório. Não me enganei, pois, como sabem, o belga acabou por confessar, confirmando tôdas as minhas hipóteses.

Foi êste o relatório que o hábil detective nos enviou, rematando-o com esta nota:

O que fiz qualquer leitor da «Ilustração» o poderia ter feito, pois eu não sabia mais do que êles.

Rubio Vaz.

Um curioso aspecto da Serra da Estrela

UMA RETROSPECTIVA

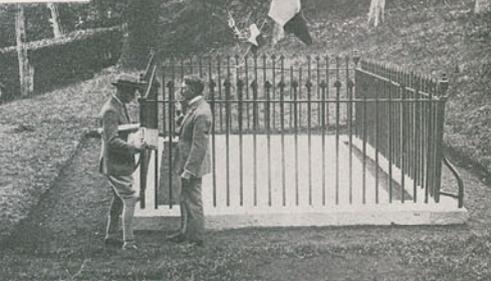
O novo rei de Inglaterra em Lisboa, quando ainda era príncipe de Gales

O novo rei de Inglaterra, Eduardo VIII conhece e aprecia o nosso país. Aqui esteve pela primeira vez em Abril de 1931, quando ainda era simplesmente o príncipe de Gales. Dirigia-se então para a América do Sul a bordo do «Arlanza» e acompanhava-se de seu irmão Jorge. Em Fevereiro de 1934 esteve no Pôrto, viajando incógmito. As gravuras que ilustram esta página mostram diferentes aspectos da sua primeira visita. *Ao alto:* os príncipes com o Chefe do Estado; *à esquerda:* o herdeiro do trono britânico no Estoril; *em cima:* com o então ministro dos Negócios Estrangeiros Fernando Branco; e *em baixe:* os dois filhos de Jorge V fazendo continência à força que prestou honras à sua chegada.

PREPARAÇÃO À CIÊNCIA DE GOVERNAR POVOS

A juventude do rei Eduardo VIII

O príncipe de Gales nos quatro cantos do Mundo

Três fases da infância do novo rei da Inglaterra. Da esquerda para a direita, o futuro soberano com um, dois e seis anos, fotos tiradas respectivamente em 1895, 1896 e 1901. *A' direita:* No decurso das suas viagens, o príncipe de Gales visitou Santa Helena. Vêmo-lo aqui junto da sepultura onde esteve o corpo de Napoleão I antes da sua trasladação para os Inválidos, em Paris.

No Egipto. — O príncipe a caminho do túmulo de Tut--Ank-Amon, servindo-se do meio de locomoção tradicional no país. ←

Passagem do Equador. — Quando cruzou pela primeira vez o Equador, o futuro rei submeteu-se de boa vontade ao baptismo ministrado pelo rei Neptuno. →

Em Africa. — Em Freetown, Serra Leoa, o príncipe segue atentamente o bailado duma beldade indígena. ←

No Império das Indias. — Recebido faustosamente pelos rajás, o príncipe de Gales caçou o tigre real e viveu algum tempo num cenário das mil e uma noites. ↓

Em cima: O príncipe de Gales, com o uniforme de escoteiro, acompanhado por Lord Baden Powell. *A' direita:* O príncipe no Japão, vendo-se ao fundo o pitoresco monte Fujiyama. *Em baixo:* Passando revista às tropas da Africa Oriental e ao regimento de Welsh Guards, em Inglaterra.

UMA LENDA ALGARVIA

O POETA DE SILVES

ONTEM, COMO HOJE HOUVE INGRATOS

A Cruz de Portugal em Silves

No velho romanceiro de Silves existe uma linda canção evocadora dum passado distante que tem quási novecentos anos e começa assim:

> *Aben-Ammar, Aben-Ammar,*
> *moro de la moreria,*
> *el dia que tu naciste*
> *malas estrellas habia...*

Quem foi êste Aben-Ammar? Um literato vagabundo que levava a vida fazendo trovas através das vilas e das aldeias que o tinham na conta de um pobre louco.

Farto de sofrer humilhações de toda a espécie, foi apresentado a Motamid, rei de Sevilha. Êste soberano, que passára a sua juventude em Silves, mais de uma vez tinha reparado no talento poetico de Aben-Ammar, visto que também cultivava as musas com rara habilidade. Pode mesmo dizer-se que, sendo um poeta de profunda sensibilidade, soube dar forma poetica a todos os grandes acontecimentos da sua vida, a todas as alegrias e tristezas que o sol ou as núvens de cada dia trazem ou levam consigo. Como último representante de uma cultura esmagada sôb as ondas bárbaras da invasão almorávide, subiu ao trono de Sevilha no mês de Fevereiro de 1069.

Relacionando-se com o trovador de Silves, o rei Motamid, deu largas ao seu caracter ingénuo de adolescente fogoso e confiante. Por sua vez, Aben-Ammar, que aprendera a conhecer os homens através da sua vida errante, foi menos confiado, desconfiando sempre das expansões de Motamid.

No entanto, a boa amizade entre ambos foi decorrendo durante anos na formosa cidade algarvia, e com tal intensidade que o rei Motamid dedicou um poema ao seu inseparável amigo, a enaltecer os encantos de Silves.

Pelos modos, a formosa cidade algarvia já nesses tempos remotos ostentava a atraente beleza que ainda hoje conserva. Êsse poema começava assim:

> *«Em Silves vem saudar os ditosos lugares*
> *De inefável pureza e beleza, sem fim...*
> *Se tão bem os conheces, ó meu Aben-Ammar*
> *Êles hão de mostrar que se lembram de mim».*

Depois, o rei poeta falava-lhe "no palácio de *Sharajib* em cujas salas passou horas e horas, rodeado de jovens formosas, de cintura delgada, que lhe feriam o coração com seus fundos olhares como se os seus olhos fôssem lanças ou cimitarras».

Recordava as noites deliciosas que passou ao longo da margem do rio com uma bela encantadora, cujo bracelete se parecia com a lua no seu quarto crescente, e que o embriagava com o seu vinho e com as suas canções. Quando ela tocava no seu alaúde uma canção guerreira, julgava ouvir o chocar de espadas, no mais acêso do combate, e sentia-se arrebatado por um ardor bélico capaz de conquistar impérios».

"Linda terra de Silves!» — rematava o poeta moiro.

Aben-Ammar, graças á amizade do príncipe, obteve o govêrno de Silves, onde se rodeou de tão grandes pompas que nem o próprio rei quizera para si.

Mas não se conservou muito tempo em Portugal, porque Motamid, não podendo passar sem a sua companhia, o mandou seguir para Sevilha. Elevou-o á categoria de grão-visir.

Deslumbrado pelo seu poderio, Aben-Ammar chegou a julgar-se superior ao próprio rei. Numa excursão que fez a Múrcia afectou ares de soberano, rabiscando o seguinte despacho nas petições que lhe apresentavam: "Que assim seja, se Deus quere». Nem uma referência ao soberano.

De abuso em abuso, Aben-Ammar teve a ousadia de satirizar num furioso poema o rei de Valência, amigo de Motamid.

Caveiras para o jardim de Motamid

Vista geral de Silves

Sendo repreendido, o orgulhoso grão-visir não se conteve e compoz contra o próprio rei Motamid e contra toda a família real a sátira mais sangrenta e soez da sua vida.

Motamid amava acima de tudo a sua querida Romaiquia que, sendo uma das suas muitas mulheres, tinha honras de rainha.

Pois o ingrato Aben-Ammar, na intenção de ferir o seu amigo e benfeitor no âmago do seu coração, abria a sua sátira assim:

"Escolheste entre as filhas do povo essa escrava que Romaic, seu dono, teria trocado de bôa vontade por um camêlo de um ano. Os seus filhos são libertinos, gorduchos e parvos que a envergonham. Ah! Motamid! eu espesinharei a tua honra e rasgarei os veus que cobrem as tuas infâmias. Sim, émulo dos antigos heróis, tu defendes as tuas vilas, mas sabias que as tuas mulheres te enganavam e consentiste as suas traições».

Em face de tais impropérios que poderia esperar um tal miserável?

Motamid sofreu com a ingratidão do poeta de Silves que tirára do nada e ao qual consagrára uma amizade de irmão.

A abside da Sé de Silves

Após várias escaramuças, o ingrato veio a caír nas mãos do soberano que, ainda assim, não ordenou a execução da bárbara sentença que toda a côrte reclamava.

Teve tempo de meditar na sua infâmia. Conduzido, um dia, á presença do rei, suplicou perdão para as suas faltas.

— Não, Aben-Ammar — respondeu Motamid — o que tu fizeste não se perdôa!

Removido novamente para o cárcere, chegou a persuadir-se de que obteria perdão, e escreveu a todos os seus amigos a participar que em breve voltaria a ocupar o seu alto cargo de grão-visir.

O boato circulou com uma celeridade espantosa, não tardando a chegar aos ouvidos do rei que desejou logo saber quem teria sido o urdidor duma tal patranha que causava a maior indignação em tôda a côrte.

Em boa verdade, Motamid nada tinha prometido ao cativo, mas intrigava-o o facto do boato da reabilitação de Aben-Ammar ter sido acrescentado com a revelação de uma conversa que tivera na véspera com o prêso, quando o fôra visitar.

Quem poderia ter feito uso das suas palavras, a não ser Aben-Ammar. Mas como se encontrava prêso e sem comunicação com o mundo exterior?

— Vai preguntar a Aben-Ammar — ordenou o rei a um eunuco — como pôde divulgar a conversa que teve comigo.

O prêso negou ter falado fôsse com quem fôsse, acabando por se averiguar que não falara, mas escrevera.

Quando o rei foi informado de mais êste abuso do seu antigo amigo que tão ingratamente se comportára, dirigiu-se á prisão e matou-o por suas mãos.

No páteo do palácio o pai de Motamid mandára fazer um jardim pavoroso. Tinha feito plantar nos crâneos dos seus mais ferozes inimigos as mais exquisitas flôres, e êsses vasos sinistros engalanavam toda uma longa avenida de laranjeiras e limoeiros.

Um letreiro em cada um dêles indicava o nome daquelle que havia sido o seu dono e possuidor até á execução da sentença real.

A cabeça de Aben-Ammar foi no próprio dia da execução pendurada numa árvore como nova flôr de tão fúnebre jardim. O cativo cristão, que tão bem tinha conhecido a vida desregrada do antigo vagabundo de Silves, ao dar cumprimento ás ordens terríveis do Motamid, improvisou êste romance:

> *Aben-Ammar, Aben-Ammar,*
> *moro de la moreria,*
> *el dia que tu naciste*
> *malas estrellas habia...*

Pena foi que se tivesse perdido tão desgraçadamente êste espírito que muito teria honrado as letras algarvias se não se tivesse cegado pela glória vã de mandar.

Quantas vezes, entre as agruras do seu cárcere de Sevilha se recordou dos seus belos tempos através dos deliciosos campos de Silves, cantando inspirados romances que as raparigas da aldeia aplaudiam com os seus sorrisos e os velhos lavradores gratificavam com generosidade encantadora.

Valera-lhe bem a pena ser grão-visir! Valera-lhe, pelo menos, para ser imolado como uma rez no silêncio atroz da sua prisão!

HISTORIAS DO CINEMA

ASTROS QUE SE APAGAM

John Gilbert

O cinema tem vestido ultimamente alguns lutos. Além do Monna Lys, a cuja dramática m rte nos referimos noutro local, faleceram John Gilbert e Thelma Todd. São astros que se apagam e de que fica apenas um rastro de saüdade no espírito dum ou outro espectador mais sensível à sua sedução. Entretanto, outras «estrêlas» sobem no firmamento, ocupando os logares vagos, numa renovação que é lei geral da vida e princípio inexorável numa arte dinâmica como é o cinema.

John Gilbert ocupa aqui um lugar muito especial. É um dêsses actores cujo nome evoca uma época completa do cinema. A sua actividade artística nem sempre foi de molde a satisfazer os exigentes. Mas possuia uma forte personalidade, um certo poder de sugestão e era, apesar dos seus defeitos, um verdadeiro actor. A sua carreira foi, nos ultimos anos, dominada pela preocupação constante de reconquistar o auge da celebridade que chegou a alcançar e depois perdera.

Diz-se que o aparecimento dos filmes falados foi a causa da sua decadência. John Gilbert possuia, segundo testemunham, uma voz desagradável que as insuficiências técnicas dos primeiros filmes não permitiam corrigir. Mas a verdadeira origem da queda do ídolo não está nêsse facto, que de resto pôde mais tarde ser superado. O seu tempo passára. O público não tinha já do galã a mesma concepção romântica que fez a glória de John Gilbert. Estava «demodé» mas morreu lutando obstinadamente contra essa realidade, a que o seu temperamento de actor não podia resignar-se.

O nome de John Gilbert fica ligado pela tradição ao de Greta Garbo. Ambos formaram durante alguns anos um par que foi dos mais célebres no cinema do seu tempo. Juntos interpretaram uma série de filmes que serviram, sobretudo, para a consagração da Greta Garbo. John Gilbert, já popularizado quando a artista succa chegou a Hollywood, interessou-se por ela, amparou os seus primeiros passos no meio pérfido dos estúdios que êle pisava já com segurança.

Desta longa convivência resultou para John Gilbert uma paixão devastadora? Eis o que muitos afirmam, mas será difícil saber ao certo. Sob os foros duma publicidade intensa as figuras da tela, aparecem-nos desfiguradas e raras vezes nos revelam o seu aspecto humano.

O certo é que a Imprensa da especialidade criou em torno dos dois artistas a lenda duma paixão ardente por parte dêle que ela repelia com indiferença. E a história emocionou o público norte-americano, que dentro do seu positivismo amoroso mantem uma admiração ingénua por tudo o que é romântico.

Thelma Todd

Um dia o par cinematográfico Gilbert-Garbo separou-se sob as imperativas exigências dos produtores. Tempo depois John Gilbert casou e êste acontecimento imprevisto foi interpretado como recurso desesperado duma paixão sem remédio. Mais tarde o actor agora falecido divorciou-se e a mesma explicação se buscou para o facto.

Que há de verdade nesta lenda de amor que durante muito tempo alimentou a insaciável curiosidade do público americano? Não o sabemos nós dizer. Talvez mesmo só Greta Garbo nos pudesse revelar o segrêdo. Mas as esfinges não falam...

■

Realizou-se no dia 11 dêste mês a «première» mundial do último filme de Charlot, que se intitula «Modern Times». Considera se esta produção como o mais ambicioso esfôrço até hoje tentado pelo genial cómico. Na sua realização gastaram-se dois anos de trabalho e mais de 400.000 libras.

«Modern Times» vai revelar-nos uma nova ingénua, Paulette Godoard. A sua carreira começou aos 15 anos como corista no «Rio Rita» do empresário Zigfeld. Casou tempo depois e retirou-se do teatro mas em 1932 requereu o divórcio e dirigiu-se para Hollywood. Entrou para o grupo das Goldwyn Girls, que temos visto nos filmes de Eddie Cantor e interpretou depois pequenos papéis nos filmes de Hal Roach.

Charlot escolheu-a para o principal papel do seu filme. Há quem afirme mesmo que fez dela sua mulher o que não pôde ser ainda confirmado. O que se sabe é que tão satisfeito ficou com o seu trabalho que pensa apresentá-la brevemente em filmes falados, que êle próprio realizará sôbre argumentos da sua autoria, mas em que não figurará como intérprete.

E da arte de Charlot como realizador sabem quantos se recordam ainda da «Opinião pública».

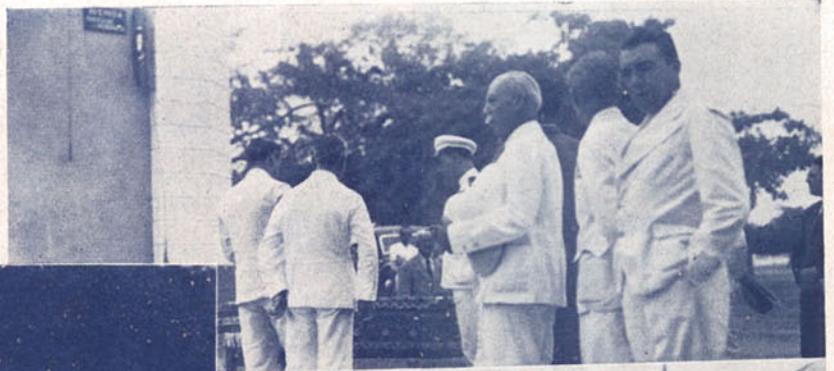
■

Há quem pretenda que os desenhos animados têm exercido influência sôbre os intérpretes da tela. É um caso obscuro sôbre o qual é difícil formar opinião. Em todo o caso essa influência é bem evidente na realização das cênas finais de «O rapaz milionário».

A apoteose colorida dêste filme têm na realidade tôda a fantasia e absurdo das obras de Walt Disney. E o paralelo é tão flagrante que se impõe ao espectador dêsde a primeira imagem.

Resta saber se depois de ter exercido a sua infuência sôbre os intérpretes humanos da tela, os desenhos animados não acabarão por influir na própria vida. Seria uma bela evasão da materialidade criar entre os homens êsse mesmo ambiente de humorismo e delirante fantasia.

O "Dia da Metrópole" em Benguela

A Câmara Municipal de Benguela realizou em Dezembro último, com grande brilho, a comemoração do «Dia da Metrópole», louvável criação da Sociedade de Geografia de

Lisboa destinada a estreitar os laços que devem unir os portugueses das províncias ultramarinas à mãi-pátria. Um dos números do programa consistiu em dar a uma das mais modernas e importantes artérias da cidade o nome de Avenida Sociedade de Geografia. As gravuras mostram aspectos dessa cerimónia. Em cima, o descerramento da lápida. Em baixo, a assinatura do auto e um aspecto da nova Avenida. *(Fotos cedidas pela Sociedade de Geografia)*

As grandes inundações em Chaves

As últimas chuvas causaram em todo o país grandes inundações. Em Chaves a cheia do Tâmega revestiu aspectos excepcionais. A' esquerda vê-se um aspecto do campo da feira e local das afamadas águas termais. A' direita, a tôrre romana e a parte da cidade conhecida por Madalena. Fotos do sr. Raimundo de Bettencourt Rodrigues comunicadas pela Sociedade de Geografia.

Choque de navios na barra do Douro

Cerca das 15.30 horas do dia 5 do corrente, dois barcos de nacionalidade inglesa, o «Estrelllano» e o «Scanewe», que se dirigiam para Lisboa, abalroaram à saída da barra do «Douro», em conseqüência do intenso nevoeiro. Em conseqüência do choque os dois navios ficaram encalhados, conforme se vê na fotografia, a meio do rio, em frente da Fábrica do Gás, no lugar do Ouro. Nenhum dos barcos sofreu avarias.

A QUINZENA DESPORTIVA

O espanhol Martinez de Alfara, vencedor do combate com António Rodrigues esquiva um ataque do nosso compatriota

A quebrar a monótona actividade da vida desportiva nacional tivemos, durante, a quinzena a primeira prova da Pequena Maratona organizada através a cidade pelo jornal "Os Sports".

Criada com fins de preparação olímpica, no louvável intuito de pesquizar as possibilidades dos nossos corredores de fundo, a corrida transformou-se, afinal numa excelente manifestação de propaganda do atletismo.

O número de concorrentes inscritos, quási meio cento, excedeu largamente as mais optimistas previsões e veio dar à prova uma animação que o interêsse do público secundou condignamente ao longo de todo o percurso.

Destruindo os prognósticos gerais, o vencedor foi um novo que não conhecera ainda a glória, Jaime Mendes, um corredor "junior" do club "Vendedores de Jornais", pouco assíduo nas competições oficiais. O tempo por êle gasto para cobrir os quinze quilómetros do traçado, que nada tinha de fácil, corresponde a uma média horária de 17,k450 metros, valor bastante apreciável.

E' cedo ainda para entusiasmos sôbre a classe de Jaime Mendes; nestas três léguas foi incontestavelmente o melhor, conduziu com muita habilidade a sua prova e terminou sem fadiga aparente, provando ter ainda reservas de energia para prosseguir.

Esperemos, porêm, pelo dia 1 de Março para concluir com mais segurança; se o comportamento do novo "ás" corresponder em 25 quilómetros à sua proeza passada será de tôda a conveniência proporcionar-lhe para a terceira prova uma preparação que permita determinar o máximo das suas possibilidades.

A direita: — O francês Allais, 4.º classificado na prova em esqui, num momento difícil do percurso. Em baixo: — *A pista de Garmisch-Patenkirchen, onde se realizam os jogos de hokey e as provas de patinagem dos jogos da IV Olimpíada do Inverno*

Depois de Jaime Mendes, classificaram-se nos logares de honra, António Fonseca, Adelino Tavares, Manuel Dias e Tiago Ribeiro.

O comportamento dêstes homens permite-nos ajuizar qual sejam as respectivas probabilidades nas corridas futuras, de maior distância. Adelino e Tiago devem melhorar de posição, Fonseca e, sobretudo, Manuel Dias não nos merecem tanta confiança. O popular chefe de fila dos benfiquistas, terminou com séria dificuldade; conduzindo a prova até aos dez quilómetros, cedeu daí em diante e não julgamos que se tratasse de indisposição ocasional.

Entre os restantes participantes, todos corajosos e duma classe média bastante superior ao que esperavamos, arriscamo-nos a destacar o veterano António de Almeida, décimo a cortar a méta, mas a quem vaticinamos melhoria de classificação na razão directa do aumento de distância a percorrer.

■

Encerraram-se hoje, em Garmisch-Partenkirchen, estação de inverno dos Alpes Bávaros, os jogos da IV Olimpiada Branca, a primeira manifestação activa da competição mundial preparada pela Alemanha e que promete ser a mais grandiosa de quantas até hoje se tem realizado.

O certame dos desportos de inverno que, durante quinze dias manteve em constante anciedade e interesse todo o mundo, constituiu um êxito inigualado; 28 nações enviaram os seus representantes, cujo total excedeu um milhar, e cujas proezas vieram comprovar o prodigioso desenvolvimento tomado no decurso dêstes anos pelos desportos da neve e do gêlo, pelas manifestações do esqui e do patim.

O Comité organizador esmerou-se nos trabalhos preparatórios e pode afirmar-se que em tudo quanto dependia da sua acção, a perfeição era impecável.

Para as provas de patinagem artística e para o torneio de hokey em patins, construiu-se um amplo estádio, cercado por tribunas, e onde o gêlo era obtido artificialmente, para precaver contra possíveis eventualidades atmosféricas e ainda para assegurar absoluta regularidade na superfície patinável.

O trampolim para os saltos emcina outro magnífico estádio, comportando 100.000 lugares, onde se efectuavam também as chegadas das corridas em esqui; a pista para as descidas em "bobsleigh" foi inteiramente preparada pois nada existia em condições de satisfazer, e as corridas em patins aproveitaram a superfície gelada dum lago próximo, desde há muito sujeita a cuidados especiais.

Os paises que enviaram atletas aos jogos de Garmisch foram a Austria, Alemanha, Austrália, Bélgica, Bulgária, Canadá, Checoslováquia, Espanha, Estónia, Estados-Unidos, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Inglaterra, Itália, Japão, Jugoslávia, Letónia, Lichtenstein, Luxemburgo, Noruega, Polónia, Roménia, Suécia, Suiça e Turquia.

■

Num jornal inglês, "European Herald", encontrámos recentemente as seguintes definições desportivas, cujo humorismo merece a tradução.

Amador: desportista que recebe muito dinheiro, embora não tenha direito de o fazer.

Profissional: desportista que não recebe muito dinheiro, apezar de ter o direito de o fazer.

Luta livre: espécie de desporto no qual são proibidos o assassinio, a degolação, o enforcamento e os tiros.

"Manager" indivíduo encarregado de impedir que um pugilista possua muito dinheiro.

Crítico: indivíduo desagradável, ignorante de todos os assuntos sôbre os quais formula opiniões que ninguem lhe pediu.

Taça Davis: instituição que impede os jogadores de Tennis de passarem a profissionais.

Jiu-Jitsu: arte de deslocar os membros ao adversário sem êste dar por isso.

Grande penalidade: injustiça flagrante quando é apitado contra o grupo a que pertencemos.

Barra transversal: instalação destinada a impedir a marcação de pontos e repelir a bola "shotada" pelo adversário.

Fim do mundo: conseqüencia, na opinião pública de certos países continentais, duma derrota num encontro internacional.

■

O pugilista português António Rodrigues, que numa série de combates disputados com êxito no nosso país, alcançou a simpatia e a estima da massa desportiva popular, prossegue em Espanha a sua actividade merecendo referências favoráveis na imprensa da especialidade.

A sua primeira apresentação foi vitoriosa, batendo aos pontos o filipino Luis Logan, que no segundo assalto o lançara a terra com um directo da esquerda. O nosso campeão refez-se do precalço fazendo prova de muita valentia e intrepidez e conquistando o direito a uma indiscutida decisão favorável.

Menos feliz no segundo combate, António Rodrigues sofreu uma derrota dos punhos do campeão de Espanha dos meio-pesados, Martinez de Alfara, que há alguns anos era dos melhores europeus na sua categoria. Os técnicos voltam a apreciar a coragem e impetuosidade do nosso compatriota, embora lhe não apreciem muito os conhecimentos técnicos na nobre arte.

■

A América descobriu um nadador cujos tempos em estilo de costas se aproximam consideravelmente dos resultados em estilo livre. Trata-se de Kieffer, novo recordman do mundo dos cem metros de costas em 1 m. 4,9 s.

Na iminência de nova competição olímpica êste precioso achado é um reforço valoroso para as aspirações americanas de sacar desforra do xeque que em Los Angeles lhes foi aplicado pelos japoneses.

Avaliando o valor de conjunto dos dois paises grandes rivais na arte de nadar, pelos melhores resultados durante a época passada de 1935, o equilíbrio é sensível; os americanos possuem os melhores nadadores de 100 metros, Peter Fick, e de 200 e 400 metros, Jack Médica, mas os japoneses classificam o seu melhor homem em posto imediato.

Salazar Carreira.

A direita: — *Jaime Mendes, o vencedor inesperado da Pequena Maratona, passando no Largo da Luz, António Fonseca e Manuel Dias.* Em baixo: — *Joaquim Correia, o campeão nacional, Adelino Tavares e Angelo Pinto, subindo a rua Maria Pia durante a prova da Pequena Maratona*

PELO ESTRANGEIRO

Charles Le Bargy

MORREU em Nice no dia 6 dêste mês, o actor Charles Le Bargy, antigo societário da Comédia Francesa. O público de Lisboa pôde conhecê-lo e apreciar o seu grande talento em 1904 e 1912 quando veio ao nosso país, da primeira vez com a companhia de Grand e da segunda com a de Jane Hading. Dedicou ao teatro 34 anos dum labor consciencioso. A fotografia acima, que data de há poucos meses, mostra o em companhia da grande actriz Cecile Sorel.

A morte de Condylis

FALECEU em Atenas, no último dia do mês findo, o general grego Condylis, dedicado propagandista da restauração monárquica, e que, após o plebiscito que a determinou, ocupou a regência daquele país até à chegada do rei Jorge II. Como militar, Condylis cobriu-se de glória nas guerras em que tomou parte, e pode dizer-se que a sua intervenção foi decisiva para a sorte da revolução venizelista de Outubro. A gravura da direita mostra-o em conversa com o rei Jorge, quando da chegada dêste a território grego após a reimplantação do regime monárquico.

Jacques Bainville

A França perdeu no dia 9 dêste mês o seu maior historiador contemporâneo na pessoa de Jacques Bainville. O admirável autor de «Os ditadores», que ainda recentemente conquistara um enorme êxito de livraria, fôra há meses recebido na Academia Francesa. A êle se fica devendo uma fecunda obra representada por um considerável número de trabalhos de interpretação histórica.

O «Queen Mary»

ÊSTE gigantesco transatlântico encontra-se em vias de acabamento. Na lubrificação dos seus motores — os mais poderosos até hoje construídos para a marinha mercante — empregam-se cêrca de 105.000 litros de óleo. A gravura mostra-nos os dois maiores camiões-tanques da Inglaterra e alguns vagões cisternas empregados no transporte dêste caudal de óleo.

A reeleição de Mac Donald

O conhecido político inglês Ramsay Mac Donald, que perdera o seu lugar no Parlamento nas eleições de Novembro, acaba de ser reeleito pelas Universidades da Escócia.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

«NAS BELAS ARTES»

Realiza-se no domingo, 16 a primeira tarde infantil de caridade no vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, organisada por uma comissão de gentis meninas pertencentes á nossa primeira sociedade, da qual fazem parte Ana Rita de Mendonça, Ana Teles da Silva Pacheco, Eugénia Teles da Silva Pacheco, Maria Adelaide de Serpa Pimentel, Maria do Carmo Belford Street, Maria Carlota de Castelo Branco, Maria da Conceição Seabra de Oliveira (Tojal), Maria Francisca Teles da Silva Pacheco, D. Maria Helena Guedes, Maria Helena Vaza de Andrade Antunes dos Santos, Maria Izabel Ferreira Lima Belo, D. Maria José Guedes Machado, Mariana de Serpa Pimentel, Margarida Guedes, e Paulina Maria de Rouro Roquete, que teem a coadjuvalas, um grupo de rapazes, tambem pertencentes á nossa melhor sociedade do qual fazem parte António Manuel de Lancastre Freitas, José Luis Seabra de Oliveira (Tojal), João Vicente Seabra de Oliveira (Tojal), e Rui Borges de Sousa, revertendo o produto a favor de várias obras de beneficencia; que constará de concurso de creanças mascaradas, em que serão disputados artisticos prémios e de «chá dansante», que será abrilhantado por duas eximias orquestras «jazz-band», que tocarão alternadamente afim da dança ser contínua.

Os bilhetes de admissão vendem-se á entrada. A inscrição das crianças mascaradas também se faz no «hall».

Esta elegante festa infantil de caridade; repetir-se-á na tarde de domingo gordo e terça feira de carnaval.

Ontem com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se o primeiro baile de carnaval, que êste ano foi levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, repetindo-se na noite de sabado gordo e terça feira gorda.

NO VARIEDADES

Com uma enorme e seleta concorrencia, realizou-se na tarde do dia 13 do corrente no Teatro Variedades, no Parque Mayer, gentilmente cedido pela emprêsa António Macedo, uma festa de caridade, a favor do Preventório de Colares, tendo o programa que foi interpretado por crianças, deixado na assistência uma bela impressão não só pela fórma como foi desempenhado, como sôbretudo pela sua feliz escolha de números.

A comissão organisadora, deve ter ficado satisfeita com os resultados da sua festa sôbre todos os aspéctos.

Casamentos

Realisou-se na paroquial de S. Julião, que se encontra hoje instalada na capela dos confeiteiros, à rua de S. Julião, o casamento da sr.ª D. Maria Helena do Rosário Santos gentil filha da sr.ª D. Maria do Rosário Santos e do sr. Rosário Santos, já falecidos, com o distincto artista fotográfico sr. Marc Le Noir, filho da sr.ª de Le Noir e do falecido médico pela faculdade de medicina de Paris, sr. Maurice Le Noir tendo servido de madrinhas as sr.as Condessa de São Tiago e a Viscondessa de Santarêm e de padrinhos os srs. Conde de São Tiago e Visconde de Santarêm, presidindo ao acto o reverendo prior da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido um finissimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, realisou-se o casamento da sr.ª D. Maria Helena Belo Corrêa Pereira, interessante filha da sr.ª D. Tereza Belo Corrêa e do ilustre oficial da armada, comandante sr. João Corrêa Pereira, com o sr. Carlos Quintanilha e Mendonça de Arbues Moreira, filho da sr.ª D. Juvenalia Gomes da Costa de Arbues Moreira e do sr. Ernesto Quintanilha de Mendonça de Arbues Moreira, servindo de madrinhas as sr.as D. Maria Emília Mendes de Almeida, tia da noiva e D. Carlota Vaz Gomes e de padrinhos os srs. Anibal de Mesquita Guimarães e Raimundo Quintanilha de Mendonça.

Finda a cerimónia foi servido na residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche.

— Consorciou-se na paroquial do Beato a sr.ª D. Adelaide Marques, filha da sr.ª D. Joaquina Marques e do sr. José António Marques Júnior, comerciante, com o sr. Joaquim dos Santos Marques, filho da sr.ª D. Maria da Piedade Ferreira e do sr. António dos Santos Ferreira, comerciante. Foram padrinhos por parte da noiva a D. Adelaide Moura Pinha e seu filho Jaime Moura Pinha, e por parte do noivo a sr.ª D. Maria José Martins e seu esposo Américo Antunes Martins.

Finda a cerimónia foi servido na casa dos pais do noivo um finíssimo copo de água.

Aos noivos foram oferecidas lindas e valiosas prendas.

— Realisou-se na capela do Senhor Jesus dos Navegantes, o casamento da sr.ª D. Maria Joaquina Correia de Sampaio Ferreira Roque, interessante filha da sr.ª D. Maria Leonor Correia de Sampaio Roque e do distinto engenheiro da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, sr. José Viana Ferreira Roque, com o sr. Pedro de Varennes Monteiro de Mendoça, filho da sr.ª D. Maria Izabel de Varennes Monteiro de Mendoça e do distinto engenheiro Raul Miguel de Mendoça.

Serviram de madrinhas as tias da noiva sr.ª D. Maria da Graça Inglesias Viana Roquete e D. Maria Antónia Correia de Sampaio de Castelo Branco e de padrinhos o pai e o tio do noivo sr. Mário Augusto de Mendonça.

Presidiu ao acto o reverendo monsenhor Pereira dos Reis, reitor de Seminário dos Olivais, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da tia madrinha da noiva à Praça do Rio de Janeiro, um finíssimo lanche, seguindo os noivos para a Ilha da Madeira, onde foram passar a lua de mel. Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Para seu irmão George, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Izabela de Sousa e Castro Black Freire de Andrade, a sr.ª D. Maria Tereza Henriques de Lancastre (Alcaçovas), gentil filha dos srs. Condes das Alcaçovas.

A cerimónia realisar-se-há nos primeiros meses do corrente ano.

— Realisou-se com grande esplendor na paroquial de Santa Maria de Belem, o casamento da sr.ª D. Maria Franco de Sousa, filha da sr.ª D. Maria Carolina Franco de Sousa e do sr. Francisco Franco de Sousa, com o sr. António Baião Pereira Falcão, filho da sr.ª D. Ana Delfina Carneiro Baião e do sr. António Joaquim Pereira Falcão.

Serviram de madrinhas a sr.ª D. Amélia Pereira Franco e a mãi da noiva e de padrinhos o pai do noivo e o reverendo prior da freguezia; monsenhor Gonçalo Nogueira, que presidiu ao acto e fez no fim da missa uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos noivos, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o estrangeiro, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na capela do Carmo, realisou-se o casamento da sr.ª D. Maria Carlota Aguedo Neto, gentil filha da sr.ª D. Maria Luiza Aguedo Neto e do sr. João da Silva Neto, com o sr. Fausto da Silva Alves, filho da sr.ª D. Maria da Conceição Alves e do sr. João da Silva Alves.

Foram madrinhas a mãi da noiva e a cunhada do noivo sr.ª D. Maria do Amparo Pires Alves, e padrinhos os srs. dr. Artur Aguedo, avô da noiva e António Joaquim Rodrigues.

Ao acto religioso presidiu o reverendo monsenhor Freitas de Barros, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos noivos um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos depois para o norte onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Realisou-se com a maior intimidade, na paroquial do Coração de Jesus, o casamento da sr.ª D. Alzina Ferreira Marques da Costa com o sr. João Aires Caeiro, tendo servido de padrinhos por parte da noiva a sr.ª D. Berta Osório da Gama e Castro e o capitão de artilharia sr. Alexandre de Vasconcelos e Sá (Silvares) e por parte do noivo seu irmão sr. José de Sousa Caeiro e sua cunhada sr.ª D. Maria do Carmo Caeiro.

Finda a cerimónia realisou-se um almôço muito íntimo em um dos hotéis da capital tendo apenas assistido os noivos e padrinhos, a sr.ª D. Maria Luiza Campos e os srs. Mario Noronha e Carlos de Vasconcelos. Findo o almôço, os noivos a quem foram oferecidos grande número de artísticas prendas, partiram para o estrangeiro onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se na paroquial de Santa Engrácia, o casamento da sr.ª D. Judite Sales Henriques, gentil filha da sr.ª D. Adelaide Sales Henriques e do almirante sr. Sales Henriques, com o primeiro tenente da armada sr. José da Conceição Rocha, filho da sr.ª D. Conceição Damaso e Silva Rocha e do sr. José Conceição Rocha, já falecido.

Por parte da noiva foram padrinhos seus pais e por parte do noivo seus irmãos a sr.ª D. Rosa da Silva Rocha e o sr. Coopernico Conceição Rocha.

Ao acto presidiu o prior da freguezia, reverendo José Gaspar Borges, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

D. Nuno.

Casamento da sr.ª D. Adelaide Marques com o sr. Joaquim dos Santos Marques. Os noivos à saída da igreja

PÁGINAS FEMININAS

O carnaval vai de ano para ano tendendo a desaparecer. As máscaras cada vez são menos e cada vez mais sensaboronas. Aparte os bailes infantis e algumas festas particulares, quási passa despercebido entre nós, o carnaval.

Em Portugal o entrudo, como dantes se lhe chamava, foi sempre um pouco brutal ainda que muito animado. Não teve nunca o encanto do carnaval em Veneza, com as gondolas conduzindo máscaras e atirando flôres nas águas encantadas do Canal Grande e da Laguna, carnaval que foi célebre pelas suas aventuras de amôr, entre mascarilhas de veludo e rendas de Burano.

Nada se parecia também com o célebre «corso» de Roma onde se trocavam serpentinas e «confetti» entre sorrisos e olhares muitas vezes falsos como o próprio Judas e em que a máscara era aproveitada para com ela fazer intrigas de que resultavam verdadeiras tragédias.

Nada se assemelhava também ao carnaval civilisado de Nice, a essa verdadeira batalha de flôres, que em admiráveis cortejos se desenrolavam através da cidade entre serpentinas, «confetti» risos, gargalhadas à luz brilhante êsse admirável sol, que a luz azul do Mediterraneo torna mais bela e encantadora nêsse carnaval que juntava tudo o que havia de melhor, nas melhores sociedades da Europa.

Tôdas as aristocracias se davam «rendez-vous» na «Promenade des Anglais», na «Avenue de La Victoire», ali se encontravam os melhores nomes da Europa e quem tornava verdadeiramente real o carnaval de Nice eram os príncipes russos, com as suas fortunas colossais e a quem o áspero clima do seu país impelia a procurar no sul da França, um refugio e um lugar onde divertir os seus ócios de milionários.

É de notar que o carnaval foi sempre célebre nos países do sul onde o sol no inverno não é um mito.

Entre nós o carnaval era a época mais divertida do ano e nesta cidade nessa época um pouco freiratica e provinciana, onde havia poucos teatros e bons actôres, poucas distrações publicas, aproveitava a população de tôdas as classes para se divertir.

E divertia-se à bruta. Começava por deitar pela bôca em ditos de mais ou menos espírito tôda a porcaria que no cérebro armazenava durante o ano. Dêsde a mais alta aristocracia, à plebe das ruas, não se ouviam senão porcarias. Das mais lindas e jovens bôcas ás mais velhas e feias, só frases sujas saiam, que eram acolhidas pelas mais francas gargalhadas.

O corso fazia-se no Chiado e ali a animação era extraordinária, as janelas guarnecidas das mais belas mulheres, as carruagens apinhadas das elegantes mais em vista; cavaleiros em lindos cavalos caracoleavam, e a batalha renhida seguia durante tôda a tarde dos três dias de carnaval.

E batalha se lhe podia chamar, não figurada mas a valer. Os tremóços atirados com a maior violencia, as «cocottes» de areia e serradura e ás vezes sua pedrinha á mistura, magoavam o mais possível as gentis belas, que nas janelas aguentavam a pé firme a valentia dos seus admiradores, que faziam o possível por as desfigurar, ao que elas correspondiam com igual denodo, embora algumas vezes sériamente magoadas.

Em S. Carlos tudo era utilizado como projétil, dêsde a laranja ao pastel de nata. As casas onde se davam magníficas festas, viam os seus móveis em risco, e, no fim da noite as belas cobertas de pós brancos, encharcadas com as atrevidas bisnagas, pareciam umas furias, desgrenhadas e rôtas.

E no fim do carnaval, todos moídos, arrazados, cheios de nódoas negras, com grandes constipações, que a mólha constante das bisnagas lhes tinha causado, declaravam que se tinham divertido imenso.

E quando hoje oiço algum velho declarar que o carnaval de agora não têm a graça do de tempos idos, penso sempre, graças a Deus, porque não haveria resistência física para êle, com a animação de antes e as fracas saúdes de hoje. Não é pois para lamentar a lenta agonia do carnaval, que morre aos poucos entre nós.

Se nos últimos anos têm sido sensaborão, antigamente era animado de mais ou antes duma animação, que não seria talvez ao gosto da fraca gente de hoje, muito comodista para se divertir com a cabeça rachada, ou com um ôlho inchado.

Não lamentamos pois o seu desaparecimento, e, pensemos que um carnaval é a vida moderna de todos os dias, com as suas festas, os seus Jazz-band, e as mágoas, que deixam nódoas negras na alma, como os tremóços e as «cocottes» deixavam no corpo e na cabeça de nossos pais e avós.

Maria de Eça.

A moda

Em plena estação é difícil dar novidades às leitoras que se interessam, pela moda, e que tanto ao facto estão das modificações e das novidades apresentadas. Mas há sempre uns pequenos nadas, que dão uma graciosa nota e que não há mulher que não goste de saber.

No princípio das estações há as novidades, mas nunca sabemos aquilo que as elegantes parisienses, ditadoras da moda, adaptarão e farão correr mundo.

Há modas que são lançadas nos campos de corridas, nos salões de exposições, mas que as altas elegantes, as mulheres verdadeiramente distintas, e que são as que verdadeiramente fazem a moda, não aceitam e não usam.

São modas que não pegam, que não interessam as senhoras de todo o mundo, que gostam de vestir com elegância e distinção,

Outras recebidas de braços abertos pela mulher «chic», dão a volta ao mundo e são apreciadas de todos.

Está nestes casos a moda da «astrakan». Esta pele que tantos anos esteve posta de parte, e, que quási se não via, está êste ano entre as primeiras peles categorisadas.

Tinha sido votada ao estracismo pela quantidade de tecidos que a imitam e que assim a desvalorisavam, mas hoje êsse critério foi pôsto de parte e a «astrakan» essa linda pele, ocupa no mundo da elegância o lugar que lhe compete.

Damos hoje um lindo modêlo da mais alta distinção. É um casaco pequeno em «astrakan», um dêsses graciosos casaquinhos que tornam a «silhouete» tão leve e gentil e que são verdadeiramente encantadores e agradáveis ao uso.

A aba um pouco mais comprida atrás, forma «godets» marcando a nova tendência da roda puxada atrás. Uma «toque» feitio escocês, completa o conjunto duma graça muito especial e que causou verdadeira sensação na avenida das Acácias, uma dessas elegantes manhãs, do Bois de Boulogne.

Mainhalhe, o creador de tantas novidades apresentou êste ano êste vestido, que nos transporta aos figurinos de muitos anos atrás.

Em lã azul escura, êste «tailleur habillé» tem um corte muito fora do que estavamos habituadas a ver. A aba junta-se atrás em «godets» que são rematadas por um laço. A sáia tem a roda puxada atrás, no mesmo movimento, que tão novo é. Uma blusa em setim do mesmo tom completa a graciosa «toilette», a que um feltro original e arrojado dá um certo tom de desporto.

No género de vestidos em lã temos um outro modêlo, mas êsse francamente desportivo. Em lã ângora fundo castanho e felpa «beije» com uma sáia bastante simples em pregas cosidas à frente. O casaco com as suas algibeiras por fora marcadas por um galão em «beije» tem um ar engraçado de fato de caça. As costuras são tôdas marcadas pelo mesmo galão, que nas mangas é pôsto enviusado. Aperta à frente com uns bonitos botões e a cintura é marcada por um cinto em camurça. Um engraçado chapéu em «flamond» castanho com uma guarnição em penas «beije».

Para jantar e para a noite um lindo vestido em «crepe» mate azul muito pálido, a côr que está na moda, e, que tantos anos esteve posta de parte. A sáia em «drapés» cosidas na frente é alargada em baixo por fundas pregas. O corpo bastante subido cai naturalmente em pregas «souples».

Um manto da mais elegante linha, envolvendo o corpo num manto à grega, dá a nota dêste ano em que para a noite se vêem tanto os vestidos em género túnica grega, ou estilo oriental.

Estes vestidos favorecem muito as mulheres de corpo escultural.

Higiene e beleza

O medo a engordar tem dado causa nestes últimos anos a vários casos de enfraquecimento de conseqüências mais ou menos sérias. E' natural que a mulher receie ver desfigurada a sua elegância com o excesso de tecido adiposo.

Nada há que mais desfigure, mas o desejo de emmagrecer ràpidamente pode dar origem a doenças graves.

Para emmagrecer nada há melhor que a gimnástica, que se deve aprender com um médico para que não seja prejudicial. A dieta é também aconselhável mas resumir-se-á em não abusar de farináceos, batatas, doces, massas e gordura.

A carne grelhada, o peixe cozido ou grelhado, as hortaliças, a fruta, podem comer-se na quantidade necessária para alimentar, sem enfraquecer o corpo.

O abuso do pão contribui para fazer engordar. E' de bom resultado estar em pé meia hora depois de comer e tomar uma chávena de chá sem açúcar.

Tôdas estas coisas devem ser feitas vigiando se o emmagrecimento não desequilibra a saúde.

Receitas de cozinha

Arroz de tomate em pudim: O arroz de tomate é um prato muito higiénico e que se faz da seguinte maneira: Põe-se num tacho de barro bom azeite, banha e sal, depois corta-se cebola em rodas muito fininhas, quando a cebola está aloirada, deita-se-lhe o tomate às rodas, com frango, vitela ou aparas de carne; e deixa-se ferver, bastante tempo, duas horas pelo menos.

Põe-se depois água suficiente para a quantidade que se deseja fazer e deita-se o arroz. Depois de cozido enfôrma-se e põe-se no forno.

Na ocasião de servir desenfôrma-se e serve-se com algum môlho, guarnecendo-o com rodas de chouriço e salchichas.

Galinha fria em conchas: Divide-se a carne que sobra duma galinha assada, em pequenos filetes ou fatias, guarnece-se o fundo das conchas Saint-Jacques, com alface cortada à Juliana, tempera-se com um pouco de sal e algumas gotas de vinagre, dispõem-se em cima os filetes, cobrem-se com môlho de «mayonnaise» guarnecem-se em volta com rodas de rabanetes e ao centro com um ramo de salsa.

Elegância esquimó

Em toda a parte ha uma concepção do belo e da elegância. Cada povo tem um ideal de beleza em geral muito diferente. Entre os esquimós ha também mulheres bonitas e elegantes, segundo o critério deles, está claro.

A «toilette» habitual da mulher e da pequena esquimó, compõe-se dumas calças e dum casaco em pele de «caribou» (rena do Canadá) com o pelo para fóra, e, botas de pele de fóca.

A preparação das peles para a confecção do vestuário é muito especial. As peles dos animais mortos em Setembro, são cuidadosamente recolhidas e em seguida cardadas até se tornarem flexíveis como qualquer tecido.

O casaco é mais ou menos, trabalhado, conforme a fantasia da possuidora. A frente é geralmente guarnecida de desenhos, que se obtem cosendo peles de diversos animais. Esta moda parece-se bastante com a que foi lançada por alguns dos mais elegantes peleiros de Paris.

Atraz tem o casaco um capuz, que forma saco e que serve para as mulheres trazerem os seus bébés. Quando não têm filhos puxam para a cabeça o capuz abrigando-se assim do frio.

Durante os terríveis invernos das regiões polares as mulheres esquimós usam outro casaco semelhante mas com o pelo para dentro junto á pele.

A elegância da esquimó consiste na beleza das peles que usa, e, algumas têm «manteaux» que causariam inveja feroz, ás elegantes civilizadas de toda a Europa, se os vissem.

O coquetismo e a vaidade são tão naturais na mulher de todas as raças, que nem a esquimó, a mulher que vive numa casa de gelo e neve, sempre num perpétuo inverno, numa luta constante contra os elementos, deixa de ter a preocupação da «toilette».

Ela passa a vida a coser e a bordar os seus trajos de gala num desejo de ser a mais bela e a mais elegante, como a parisiense passa a sua, a ver as «defilés» de Jenny Lanvin, de Lucien Lelong, de Mirande, e em contínua comunicação com o seu costureiro, no desejo de ser a mais «chic» na cidade das mulheres elegantes.

De mulher para mulher

Mariasinha: Se não pode sem sacrifício receber na sua casa, divirta-se de outra maneira. Seu marido tem muita razão, nada de mais profundamente triste, que esses assaltos com um embrulhinho na mão e uma garrafa de vinho debaixo do braço. E basta ser uma coisa que contraria o seu marido para não o fazer. Não são amigas as pessôas que lhe dão esses conselhos.

Margarida: E' facílimo trabalhar ao «tricot». Eu nem supunha que houvesse alguma senhora, que agora o não soubesse fazer. Qualquer pessôa lhe ensina. Ficam lindas as «chandailles» feitas á mão e entretem muito o espírito o que é uma vantagem.

Lili: Todos os tecidos ficam bem num vestido de baile, o que têm é de ser escolhidos segundo o feitio do vestido. Para um vestido de estilo com a sáia rodada, nada mais bonito do que o «taffetas». Para os vestidos marcando a forma do corpo e bem cingidos ha o setim, o veludo e muitos outros tecidos. Para o seu tom de pele ficaria bem em taffetas rosa, ou veludo verde pálido.

Maria Clara: — Não imagina como gostei da sua carta esfusiante de alegria; todas as raparigas a deviam ler para ver como se é jovem e encantadora. Faça o vestido em tule verde agora; deve parecer uma ondina com os seus lindos cabelos louros que devem parecer algas marinhas.

Pensamentos

O homem detesta hoje o que ontem adorou.

Para viver bem neste mundo, sem atritos nem complicações, não se deve ver, nem ouvir, nem falar.

A alegria esquece mais facilmente do que a dôr, os dias de felicidade passam depressa, os dolorosos prolongam-se infinitamente.

O sorriso é a mais bela manifestação da bondade humana. Quando a bôca sorri está o coração enternecido.

(De Jacqueville).

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 52

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

CORREIO

Dama de Copas. — Évora — A sede da Tertúlia Edípica é na praça dos Restauradores, 13-1.º, sala 26. Que nós saibamos, não existe presentemente no País outra sociedade charadística legalmente constituída. Tôdas as iniciais diferentes de *T. E.* usualmente empregadas, entre parentêsis, no fim do pseudónimo referem-se, em geral, a grupos formados por meia dúzia de charadistas que reúnem os seus esforços, na ânsia de assim alcançarem maiores honrarias como decifradores. Por via de regra são todos de duração efémera... e quási nunca deixam saúdades — charadisticamente e entre os próprios fundadores. Quanto ao Congresso Charadístico, não estamos habilitados a satisfazer a sua pretensão. Dado, porém, o interêsse que a ilustre confreira manifesta por êsse grande empreendimento edípico, damos-lhe de conselho tratar o assunto com a direcção da *T. E.*, que certamente se apressará a informá-la pormenorizadamente. O «Dicionário do Charadista», de A. M. de Sousa, pode adquiri-lo também na *T. E.*, que se encarregará de lho remeter á cobrança. O seu preço, salvo êrro, é de 90$00 cada volume.

Efonsa.—Vila Silva Pôrto.—Foi com muito prazer que recebemos a sua prezada remessa de artigos charadísticos, que, na forma habitual, gostosamente publicaremos. Ficamos aguardando agora o cumprimento da sua promessa — o envio de *figurados* pelo próximo barco. Muito gratos por tudo.

Kossor. — Lisboa — Por lapso não respondemos, conforme pediu, à sua carta de 10 de Dezembro último. As nossas desculpas. E' sim, senhor, mas nós, por uma questão de hábito, *nunca compreendemos essas coisas*...

A colaboração e óptima e até indispensável nestas colunas, pelo que lhe rogamos o envio de nova e bem volumosa remessa. Gratos.

APURAMENTOS

N.º 43

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

MIMI BÁRCIA
N.º 22

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

DAMA NEGRA
N.º 20

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 8, Ferjobatos

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 23 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Kábula, Magnate.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 21. — Salustiano, 18. — Rei-Luso, 18. — Só-Na-Fer, 16. — Só Lemos, 16. — Sonhador, 13. — João Tavares Pereira, 13. — Lamas & Silva, 10. — Salustiano, 10.

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 9. — Lisbon Syl, 9. — Aldeão, 8

DECIFRAÇÕES

1 — Agra-grado-agrado. 2 — Após-pôsto-apôsto. 3 — Copa-pada-copada. 4 — Sara-raça-saraça. 5 — Cassoco. 6 — Entrado. 7 — Rei-queimado. 8 — Toldado-tôldo. 9 — Doirada-doida. 10 — Marouco-maco. 11 — Pífio-pio. 12 — Galana-gana. 13 — Concede-conde. 14 — Estado-a-ão. 15 LQ (Leque). 16 — Marulho. 17 — Finca-pé. 18 — Caso. 19 — Grávido-grado. 20 — Fadado-fado. 21 — Vagante-vate. 22 — Alfama-alma. 23 — Perdigão gordo, pássara magra.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Mesmo que um *homem finório* me *atormente*, continuarei a ser a mesma *mulher muito morena*.. (2-2) 3.

Lisboa — *D. Aurora*

2) *Viver! Mentir! Prolongar* o sofrimento... (2-2) 3.

Colares — *Maria Luiza*

3) Com uma *medida agrária administro* bem o remédio para a cura do *quebranto*. (2-2) 3.

Luanda — *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

4) Essa *maluqueira* é por «*causa*» da *mania* da grandeza? 2-1.

Lisboa — *D. Campeador*

5) *Além disso*, está na minha *vontade preferir* os homens louros... 1-2.

Lisboa — *Miss Diabo*

6) *É criado* para limpar o *relicário* e trazer todo o serviço *bem organizado*. 2-1.

Lisboa — *Silva Lima (T. E.)*

7) *Lamenta* com *pesar* o *chorão*. 2-1.

Luanda — *Ti-Beado*

SINCOPADAS

8) A *importância* dessa *porção* de coisas está no valor estimativo. 3-2.

Lisboa — *Lérias*

9) A *cara magra e pálida* tem às vezes uma boa aparência.

Luanda — *Ti-Beado*

TRABALHOS DESENHADOS

16) ENIGMA PITORESCO

Lisboa — *Euristo*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

10) «Há quatro e nada».
Nesta frase se consomem
— Mas que charada! —
As energias dum «*homem*».

Tôrres Vedras — *Alfa & Omega*

11) No feminino,
Ninguém enaltece
A espécie de verdilhão
Que nos aparece.

No masculimo,
A *arrogância*
De um charadista
De importância.

No aumentativo
Acaba-se a questão
Com a presença
De um *comilão*.

Luanda — *Ti-Beado*

MEFISTOFÉLICAS

12) O Zé «*Costa*», um valentão,
Vence em luta, é um portento,
Tôda a gente — é campeão —
Sem qualquer *abatimento*. (2-2) 3.

Lisboa — *Dr. Magrinho*

13) Diz o *hospedeiro* à sopa:
— Eh lá! toca a *levantar*!
«Temos hoje muita roupa
P'ra marcar e *apartar*. (2-2) 3

Mafra — *Deka*

NOVÍSSIMAS

Agradecendo ao director, «Rei-Fera», as suas amabilidades

14) Senhor «Fera», director:
Por esta via agradeço
A gentileza, o favor
Das mercês que não mereço.

Bem sei que não é bastante
O mero agradecimento
Num verso periclitante,
Lacunoso de talento.

As atenções, os favores
Sempre as *paguei* pobremente; — 2
Se sou pobre, sem valores,
Como pagar ricamente?...

Mas, a-pesar-de pobrinho
Não me quer' mal o confrade:
Dispensa-me o seu carinho
Com bem «régia» urbanidade.

Se eu tivesse coração
— Que *pena* já não o usar! — 1
Com tôda a satisfação
Havia de lho mandar!

E nem assim ficaria
Satisfeito o meu desejo:
A vossa galantaria
Com que pagá-la não vejo!

Silva Pôrto-Bié — *Efonsa*

ADEUS, AMADA!

15) Adeus, amada!
Adeus, querida!
Já não sou nada
Na negra vida!
A Parca ronda *a* minha porta, — 1
Dos olhos vai *a* luz fugindo! — 1
Da vida tôda a esp'rança é morta,
E morto é já meu sonho lindo!
Sinto fugir
O meu alento!
Quero partir,
Não ter tormento!
Meu coração
Já vai parar!
Perco a razão,
Quero chorar...
Adeus, meu grande amor e vida minha!
Da Terra já não sou e nem do Céu!
Adeus!... Adeus!... Tu vais ficar sòzinha...
Chorando aquele amor que te morreu...

Lisboa — *Fino Del*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa.

QUANDO O AMOR MORRE...

Mary Pickford

Faz-me sempre muita pena e comove-me até ás lágrimas a notícia da separação de duas criaturas que durante anos levaram a vida de mãos dadas e corações unidos, para afrontarem juntas os desígnios da sorte.

Depois de terem passado anos a aprender a conhecer-se, e sabendo depois serem almas irmãs que se querem com infinito amor, tendo arrastado perigos, amparando-se mutuamente, quer em perturbações de ordem moral, quer em crises económicas, tendo embebido o espírito nas mesmas raras alegrias, eis que num ou noutro dos componentes de um casal aparece o antipático micróbio do aborrecimento a enevoar uma felicidade que parecia poder brilhar sempre com igual esplendor.

■

Aqui há tempos, entristeceu-me a separação de duas individualidades do nosso teatro musicado — êle emprezario, ela actriz.

Ambos estimados e simpáticos, tinham vivido até ali na mais doce e completa harmonia, sem que o mais leve sintôma de discordia transpirasse pelos bastidores.

E sabe-se como tudo ali chega depressa e como dali também depressa se espalha cá por fóra, para gáudio de certas criaturas, a quem o mal dos outros só serve de distração para alguns comentários alegres, e nunca de motivo de reflexão pesando as agruras da vida. Nêstes amores de teatro, quási sempre breves e pouco significativos, constituindo apenas uma aventura, mais um nome a acrescentar na lista das conquistas, estas criaturas cujo passado estou recordando eram uma excepção, pela seriedade da sua ligação e pela afeição sincera que as unia.

Douglas Fairbanks

E, de repente, anos passados, — sete anos, creio lembrar-me — a nova da sua separação explodiu e impressionou os que mais de perto conheciam o simpático par.

Perguntar de quem foi a culpa é trabalho escusado — trabalho que não terá nunca uma recompensa. Umas vezes, cabe à mulher, outras, ao homem e ainda, não raramente aos dois.

E não se lhes póde atirar a primeira pedra, porque a sua culpa é aparente só.

Ninguem manda no coração, e "o coração têm razões que a razão desconhece".

Nós sômos todos assim: Folhas soltas que ao sabor do vento do nosso capricho, vento que ás vezes se disfarça em bruma, para melhor nos colher desprevenidos, quando a tormenta estala.

E tive, então um desgosto que exteriorisei na minha secção diária da *Tarde*, — "Querem saber".

Ainda assim êstes dois descontentes ao separarem-se, continuaram presos pelos laços da amizade.

Êle segue sempre emprezario, e no seu elenco há de cada vez um lugar para a sua antiga companheira.

Isto só mostra a grandeza de alma dêsse homem, porque em muitos casos fica a substituir o amor que morreu uma aversão que o vence na violencia.

■

Agora, um caso idêntico se deu longe daqui, com pessôas que só conhecemos de retrato na brancura das telas do cinema.

Caso talvez mais impressionante ainda, pela duração de tais laços, laços legais, mas que não têm mais valor moral, por que o amôr, preso à lei ou livre dela, é sempre amôr.

Tôda a gente que lê jornais, pouco ou muito, deve lembrar-se dum decantado par de artistas célebres da fotografia animada, ambos queridos, ambos ligados ao público pelo mesmo fluído de simpatia pessoal que dêles emana.

Dizia-se que nunca se havia conhecido, no mundo variegado da Cinelandia, um casal tão amante e que tanto se quizesse e se respeitasse mutuamente.

A "Noiva do mundo" como lhe chamavam, quando ela usava a cabeleira em cachos caídos nos hombros, adorava o seu maridinho, e êle, o saltador-atleta, o D. Juan da tela, só a ela amava e, se muitas namorava por conta dos argumentistas, quando deixava os *sets* de filmagem não fazia pé de alferes a nenhuma beldade, porque só a sua Mary lhe cumulava as aspirações de beleza e carinho.

Já sabem que me refiro à Pickford e ao Fairbanks, não é verdade?

Êsse par ideal também não resistiu — embora lutasse para isso — ao tal micróbio devastador de amores, e acaba de pôr o ponto final na sua novela que durante largos anos deliciou as meninas romanticas que ainda acreditam num único amor.

O processo arrastou-se pelos tribunais e, no entretanto, havia sempre gente que acreditava que fôsse possível uma reconciliação.

■

Quando o amor morre é sempre para dar lugar a um novo amor.

Acontece que entre um amor e outro amor há, por vezes, um período do sofrimento, enquanto a ferida não sara, período necessário, porque o coração não poderia suportar chaga sôbre chaga, e o amor acaba sempre por dilacerar a sua preza.

Como a beleza mais surpreendente e maravilhosa, depois de morta, é o horror de uma caveira, o beijo mais dôce e terno vem a dar sempre em dentada, quando se fartou da mesma bôca.

Mary e Douglas desertaram, a linda vivenda de Pickford, onde desfiaram os seus ardentes beijos de amor, onde mil juramentos de fidelidade trocaram, realmente convencidos de que era assim e de que assim seria sempre.

E eram sinceros. Sempre se é sincero, quando se promete amôr eterno, porque ninguem sente lá dentro no peito, muito aconchegado e escondido como um ladrão, o desencanto à espera da hora propícia para apresentar-se em amo e senhor, como a doença espera o depauperamento do organismo que secretamente consome, para dêle se apoderar definitivamente.

O pior é que a alma, antes que o corpo caia para sempre, sofre tantas mortes, como quantas vezes o amor dentro dela morre.

Mercedes Blasco.

O Bètinho, que é um menino-prodígio, estava há dias sentado junto do calorífero da sala, a brincar com o gato.

O ambiente era confortável e o bichano, sentindo-se bem com as carícias do Bètinho, começou a fazer ouvir o seu habitual *ron-ron*.

Bètinho, que nunca escutára essa manifestação do bem-estar do animal, olhou para êle estarrecido. Depois, movido por subito impulso, puxou-lhe violentamente pela cauda, obrigando-o a fugir para bem longe.

A mãe, que presenciara a cêna, não deixou de intervir com uma repreensão.

— Bètinho! Para que és tão mau? Que mal te tinha feito o pobre animal?

Mas o menino-prodígio explicou:

— Foi para o afastar do fogão, mamã, porque estava já a começar a ferver.

■

— Pode dar-me alguma coisinha para comer?

— Não, mas posso dar-te trabalho.

— Isso não me serve, porque me faz mais fome.

■

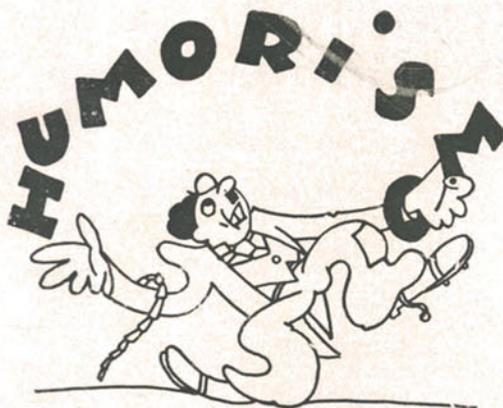
O pai, terminando a narrativa das suas aventuras que acaba de fazer ao filho:

— E aqui tens, meu rapaz, o que eu fiz na Grande Guerra.

— Mas, papá, para que fôram precisos tantos homens além de si, para vencer.

■

Uma senhora de idade dirigiu-se ao seu Banco e pediu para lhe venderem na Bolsa um lote de acções que possuia.

— Faz mal em se desfazer dêste papel — observou-lhe o empregado — Esta empresa está próspera e tende cada vez a desenvolver-se.

— Pois eu não estou nada satisfeita com ela — respondeu a cliente. — Não me inspiram confiança. Parece que estão sempre a mudar de director porque cada vez que recebo uma carta, traz uma letra diferente no envelope.

■

Num tribunal. Uma testemunha do sexo feminino adianta-se para depôr e o juiz faz-lhe as perguntas do estilo:

— Que idade tem?

— Vinte e um anos e alguns mêses.

— Lembra-se que jurou dizer a verdade. Quantos mêses ao certo?

— Cento e vinte...

■

Num banquete, um célebre jogador do *golf* ficou sentado junto duma encantadora desconhecida, e durante tôda a refeição ocupou a conversa em descrever-lhe as suas proezas, com grande cópia de pormenores técnicos. Já na altura do sobremesa, observou:

— Desculpe-me se a tenho massado, falando só dêste assunto que talvez não a interesse...

— Oh! De modo nenhum. Tenho gostado imenso de o ouvir, mas já agora diga-me: Que vem a ser isso do *golf*?

■

O major estava fazendo uma prelecção aos seus soldados. "Se um paisano provocar um soldado numa taberna, — disse êle — o soldado deve beber o seu vinho e saír sem dar importância ao que dizem.

E dirigindo-se a um dos ouvintes:

— Soldado 42. Que devia fazer se numa taberna fôsse provocado por um civil?

— Bebia o vinho dêle e saía sem fazer caso do que dissessem.

■

Num baile:

A mulher: Com esta é a décima vez que vais ao bufete. Torna-se reparado...

O marido: Não tem importância. Digo a tôda a gente que vou buscar qualquer cousa para ti.

■

— Sabes que êle mobilou tôda a casa com móveis em segunda mão?...

— Pois se êle até casou com uma viuva...

■

— A minha prima é muito assustadiça. Têm mêdo da sua própria sombra.

— Não me admiro nada. Com o nariz que ela têm...

■

Após o julgamento, o juiz para o réu:

— ... e, portanto, não havendo provas contra si, fica absolvido e pode sair em liberdade.

O réu: Mas, senhor doutor-juiz, estive preso oito dias para averiguações. Isso não me dá agora o direito de cometer um delitozinho, sem ficar sujeito a penalidade.

■

Laura: — Achas que o António me amará ainda mais quando casarmos?

Beatrz: — Tenho a certeza. Êle adora as mulheres casadas.

■

Pai: — Penso entregar-te o negócio no ano que vem e retirar-me para descansar.

Filho: — Olhe, pai. Trabalhe mais alguns anos e depois retiramo-nos ambos.

■

Numa aula de instrução primária:

O professor: Qual é o plural do cão?

O aluno: Cães...

O professor: E o plural do vagão?

O aluno: Comboio...

— Oxalá que a cheia passe depressa. Tenho recebido imensas reclamações acusando-me de misturar água no leite.

A MULHER E A MESA

A bôa dona de casa, aquela, que vive para o seu lar, e para a família, para o marido e para os filhos, para todos os seus amigos, tem fatalmente de se ocupar da casa, e sobretudo da mesa.

Nesta ocasião de festas em que entre nós, se usa tanto receber, não é fóra de propósito ocuparmo-nos da mesa e da sua disposição. Por muito alegre que uma festa seja, por muito bem que nela se esteja, ainda que as «toilettes» sejam deslumbrantes, a beleza das mulheres estonteadora, a animação dos homens contagiosa, o «jazz-band» convidativo, se não houver uma linda mesa, bem decorada, guarnecida a flores e coberta de tudo o que se usa comer nestas ceias, «sandwiches» carnes frias, «croquettes» «galantines», «foie gras», bolos, dôces frutas, bons vinhos, «cup» «champagne» ninguem dirá que foi uma bôa festa, porque a qualidade e a abundância do serviço é sempre citada ao elogiar uma festa.

Ninguem diz que um baile foi bom, sem acrescentar: a ceia era esplendida, e, este elogio sai de todas as bocas até mesmo daquelas, que aos 18 anos, nem sequer fazem honra á ceia, ocupadas apenas em dançar brincar e aproveitar as primeiras festas da juventude em flor.

É pois necessário ao organisar uma festa não descurar essa parte, que eu não quero afirmar que seja a mais importante para todos, mas é certamente para a maioria, principalmente para aqueles que já não dançam, de uma grande importância, contribuindo e muito para o bom resultado e brilho da festa, na opinião materialista dessa parte de frequentadores de bailes e reuniões.

Mas se nos bailes e nas grandes festas a mesa é uma das mais importantes coisas para o seu exito, o que não diremos dessas pequenas reuniões de amigos, uma ceia, um jantar um almoço?

Parecendo que não estamos já, na epoca em que se comia brutalmente, em que havia banquetes que duravam tres dias e mais, é para notar que a maneira que todos temos de obsequiar os nossos parentes e amigos é convidando-os para comer, para um jantar para um almoço ou mesmo para um simples chá, em todo o caso lá caimos na maneira de ser amavel e gentil dos antigos.

Hoje não se come já, como antigamente se fazia. O medo de engordar que têm homens e mulheres, a falta de saude de muitos, e as regras higienicas que todos agora pouco mais ou menos seguem modificaram muito a alimentação e as ementas de outros tempos seriam a causa de graves doenças na actualidade assim como as de agora seriam consideradas ridiculas então. Mas se hoje por qualquer razão se come menos é-se em compensação muito mais exigente na apresentação dos pratos na decoração da mesa do que então se era.

Na epoca em que os celebres banquetes da côrte de Inglaterra quando era rei Henrique VIII impressionavam a Europa, não havia a preocupação da decoração da mesa. Carneiros inteiros, meias vitelas, galinhas ás duzias eram a melhor guarnição exigida, que os cangirões de prata cheios de vinhos preciosos completavam. Nessa época, a primeira coisa que se exigia era a abundância de vitualhas; em pleno século vinte, a elegância do ambiente, a decoração da mesa e a sua aparência tem uma grande influência, para que um banquete, um jantar de cerimónia ou uma simples refeição familiar agradem.

Os estomagos primavam tudo, nas épocas passadas e que estomagos! A quantidade de comida que digeriam num só jantar, chegaria agora para alimentar uma pessoa oito dias, e não ha exagero nesta afirmação ainda que o pareça.

Hoje são os olhos que necessitam ser bem tratados, para que os estomagos se decidam a receber o alimento. Uma mesa descuidada e coberta de comida em abundância exagerada, em vez de atrair os convidados e de os encantar, causa-lhes repugnância e até horror.

Porque habituados a não comer exageradamente, o excesso de comida em vez de ser agradável, torna-se aborrecido; o que os civilizados de hoje exigem é a beleza, o cuidado na apresentação dos pratos, a graça na disposição das mesas.

Cada país tem hábitos diferentes na apresentação das mesas. Entre nós apresentam-se mesas bem decoradas e ricamente guarnecidas, com as mais variadas iguarias e dôces como as não ha em parte nenhuma do mundo.

Os estrangeiros que frequentam as nossas festas são unanimes em o declarar e em admirar as mesas das ceias a que assistem.

■

Em França a graça na apresentação das mesas é celebre, mas a abundância nem sempre preside, porque para esse admirável povo duma sobriedade única, qualquer coisa é alimento que chega, o que não impede, que a sua população seja forte e saudável e que a sua delicada cosinha seja a melhor do mundo.

Na Inglaterra com o culto do «home» ha o culto da elegância na mesa, das lindas toalhas de renda, das ricas pratas, dos belos cristais e se a sua comida está longe de ter o requinte e a graça da comida francesa, tem a abundância e a simplicidade, que muito contribuem para a bôa saude.

■

Não é pois de mais lembrar á mulher o seu dever de cuidar com a maior atenção a sua mesa. Desde a toalha que deve ser elegante, ás loiças e cristais, ás pratas e a tudo que a deve adornar e tornar encantadora, merece a sua atenção.

E seja qual fôr a vida da mulher, mulher da sociedade, da vida familiar ou mulher que trabalhe, a sua mesa mesmo só, para a família, deve ser cuidadosamente tratada, porque é um sinal de elegância inteletual e de cuidadosa dona de casa, título êste a que toda a mulher deve aspirar, porque na sua vida de mulher é o melhor, que lhe podem dar. E seja de trabalho intelectual ou não a sua vida, ela deve lembrar-se sempre de que é mulher.

Além disso, o culto da mesa é uma das mais delicadas operações que a vida doméstica exige da mulher, e aquela em que a boa dona de casa melhor pode afirmar o seu gôsto e a sua personalidade.

Maria de Eça.

Bridge

(Problema)

Espadas — R.
Copas — 9.
Ouros — 10.
Paus — R., 7, 6, 4.

Espadas — D., 6, 5. **N** Espadas — 9, 8, 4.
Copas — V. **O** **E** Copas — — —
Ouros — 3, 2. Ouros — 9, 7.
Paus — 9. **S** Paus — D., 10.

Espadas — A., V., 7.
Copas — R.
Ouros — D., 5.
Paus — 5.

Trunfo é copas. *S* joga e faz as vasas todas.

(Solução do número anterior)

S joga o 7 de espadas, *O* o Valete de espadas, *N* o 3 de espadas e *E* o 9 de espadas.

O joga 10 de ouros, *N* Valete de ouros, *E* 5 de ouros, *S* 2 de ouros.

N joga 8 de espadas, *E* dama de espadas, *S* rei de espadas, *O* 5 de espadas.

S joga Valete de paus, *O* 4 de paus, *N* 5 de paus, *E* 2 de paus.

S joga 3 de paus, *O* 6 de paus, *N* az de paus, *E* 9 de paus.

N joga 10 de espadas, *E* 10 de paus, *S* Valete de copas, *O* 2 de copas.

N joga 9 de ouros, *E* 7 de ouros, *S* Az de ouros, *O* 6 de copas.

S joga rei de paus (*Nesta altura O e E são forçados a baldar-se a cartas que firmam as cartas de S ou de N). O* 7 de paus, *N* 4 de copas, *E* 5 de copas.

S joga 3 de copas e *N* faz as tres cartas de copas.

As primeiras greves

Por uma comunicação feita à *Academia das Inscripções e Belas Letras*, de Paris, soube-se que já no tempo de Faraó, os operários faziam greve e praticavam actos de *sabotage*.

Falando a respeito do engenheiro Cléon, que sob o reinado de Ptolomeu Filadelfo, fôra encarregado de importantes trabalhos de desecação e de irrigação no Egipto, é que M. Bouché-Leclerc apresentou interessantes apontamentos sôbre a técnica dos trabalhos, sôbre o preço dos materiais, a direcção dos operários, etc., achando-se tôdas estas informações consignadas nos documentos deixados pelo engenheiro Cléon.

O facto mais curioso, encontrado nestes documentos, é que, nessa época remota, os operários cançados de esperarem um aumento de salário, se recusaram a continuar trabalhando e puzeram-se em greve depois de terem danificado o material das construções e praticado actos de violência sôbre os seus superiores. E passava-se isto 300 anos antes de Jesus Cristo.

A longevidade dos animais

Dois sábios inglêses, sir Peter Chalmers Mitchell e o major Stanley Flawer, acabam de publicar o resultado de minuciosos estudos sôbre o longevidade dos animais. Aqueles que possuem o sangue frio parecem deter o *record* dessa longevidade, especialmente as tartarugas de jardim, que podem chegar a centenárias e mesmo bi-centenárias.

Os autôres citam uma que viveu 96 anos na mesma família, em Cornwall (Inglaterra). Os peixes pódem atingir uma edade avançada, de 40 a 60 anos. A média da edade extrêma dos animais seria a seguinte: elephante, 50 anos; rinoceronte, 45; hipopótamo, 40; caválo, 40; baleia, 40; urso, 35; macaco, 35; gato, 30; girafa, 30. Os animais selvagens, como o leão, por exemplo, têm mais probabilidades de chegarem a velhos quando estão em jaulas, onde se cuida da sua alimentação, do que em liberdade, onde a sua existência depende das suas capacidades venatórias.

A longevidade dos passaros está sujeita a numerosas lendas.

Possuem-se todavia, provas certas de papagaios que atingiram 105 anos. Os passaros pequeninos como o rouxinol, canários, etc., podem viver de 20 a 25 anos.

Desenho a traço contínuo

(Passatempo)

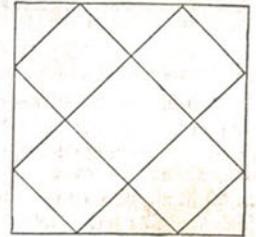



Figura para ser desenhada a traço contínuo, sem cruzar linhas nem passar duas vezes pela mesma.

Em Inglaterra, no condado de Essex, uns operários que estavam trabalhando numa casa nova em Gidéa Park, notaram um casal de pintarroxos construindo o seu ninho num canto do que estava destinado a ser sala. Foram imediatamente dadas ordens para o trabalho ser suspenso nessa parte da casa. E só recomeçou depois de estar criada a ninhada de pintarroxos.

A palavra disfarçada

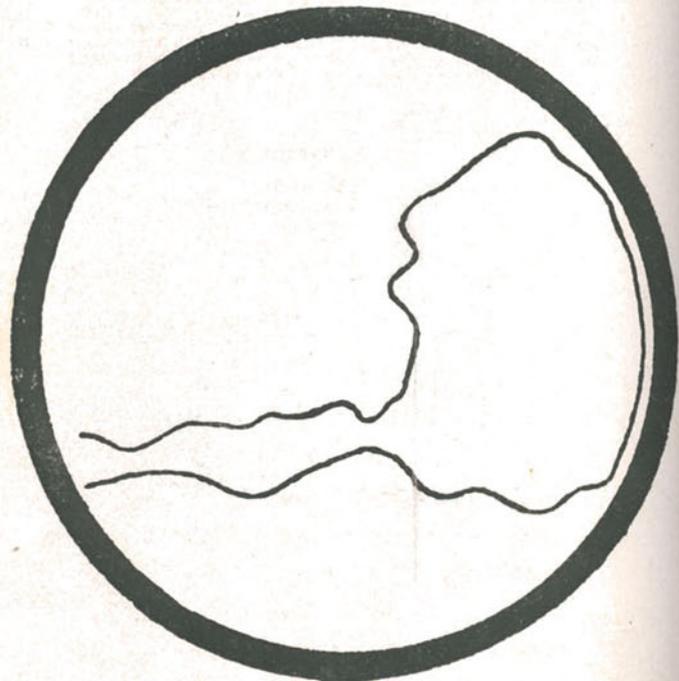
(Problema)

Aqui estão doze letras em perfeita desordem. Colocadas na sua ordem devida formam uma palavra.

E' adivinhá-la. Não diremos a sua significação porque se tornaria o problema fácil em excesso.

i i e e d d n r a u s v

As pontas de linha

(Solução)

O desenho junto dá a solução do problema, indicando qual era a linha mais comprida. O número delas, ao todo era de 40.

A patroa: — *Santo Deus! Mas que quer dizer isto, Gertrudes*

A criada: — *Desculpe, minha senhora, mas quando a senhora tocou para trazer o chá, estava eu justamente a experimentar o meu fato novo para o baile de máscaras de domingo.* — (Do «The Happy Magazine»).

Um novo livro do grande escritor Aquilino Ribeiro

Quando ao gavião cai a pena

1 vol. de 272 págs. **Esc. 12$00;** pelo correio à cobrança **Esc. 13$50**

Pedidos aos Editores **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

OBRAS DE AGOSTINHO DE CAMPOS

Alguns aspectos da literatura portuguesa, por *Aubrey F. G. Bell* (tradução), br. .... 3$00

Comentário leve da Grande Guerra:
I — *Europa em guerra* (esgotado).
II — *O Homem, lobo do Homem* — 304 págs., br. .... 10$00
III — *Portugal em Campanha* — 299 págs, br. .... 10$00
IV — *Latinos e Germanos* — 319 págs., br. .... 10$00
V — *A Carranca da Paz* — 316 págs., br. .... 10$00

Ensaios sôbre educação:
I — *Educação e Ensino* — 317 págs., br. .... 10$00
II — *Casa de Pais, Escola de Filhos* — 248 páginas, br. .... 10$00
III — *Educar, na Família, na Escola e na Vida* — 352 págs., br. .... 10$00
IV — *A mãe de todos os vícios* — 293 págs., br. .... 10$00

Homem (O), a ladeira e o calhau — br. .... 10$00

Jardim da Europa. — br. .... 10$00

Ler e tresler. — br. .... 10$00

Lição moral e cívica, dada perante os alunos do Liceu Pedro Nunes, no primeiro aniversário do assassínio do Presidente Sidónio Pais .... 3$00

O pintor Carlos Reis. — 1 fol. formato grande .... 4$00

Três prosas (As) — A pobre, a rica e a nova rica. — 64 págs., br. .... 3$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA O 5.° MILHAR

JÚLIO DANTAS

AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS — Pan e as mulheres — As inimigas do homem — Terceiro sexo — Jus sufragii — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado — Delegadas a Génebra — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Núpcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefere blondes — As revolucionarias do golf — Jurisconsultos de saias — Eva standardizada — As sinistradas da beleza — É preciso ser bela para ser feliz? Mademoiselle Zuca — A idade dos joelhos — Nudistas : : — A dama do pijama verde — As amigas do homem : :

1 volume de 312 páginas, brochado **12$00** — encadernado **17$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado .... 10$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs, brochado .... 10$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado... 12$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado .... 14$00
ESPANHA — Nova edição .... no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado .... 12$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado .... 12$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch. 3$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado .... 12$00
SENHORA DO AMPARO — 250 págs., brochado .... 12$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — *Indice:* Viagens — A caminho - Chegada - "Plazas y plazuelas; calles e callejones„ A Alcáçova da Saüdade - As "Sabatinas„ na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco„ — En "San Juan de los Reys„ — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado .... 10$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado .... 12$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.
MIRADOURO, Tipos e Casos — 320 págs., brochado .... 12$00

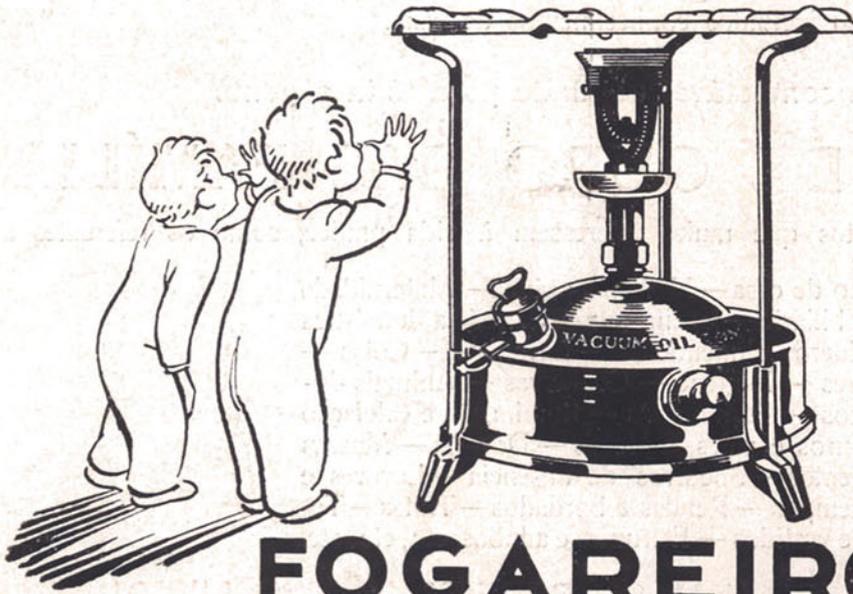
■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (3.ª edição), 1 vol. enc. 15$00; br. .... 10$00
Braz Cadunha — 1 vol. br. .... 6$00
Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12$00; br. .... 7$00
Luz perpetua — 1 vol. enc. 12$00; br. .... 7$00
Lingua de Prata — 1 vol. enc 13$00; br. .... 8$00
Mudança d'Ares — 1 vol. br. .... 10$00
Por terras estranhas — 1 vol br. .... 4$00
Meu (O) menino — (3.ª edição), 1 vol. enc. 17$00; br. 12$00
Manual de Medicina Doméstica, indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina .... 35$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75
LISBOA

FOGAREIROS VACUUM

USAR SEMPRE PETROLEO SUNFLOWER

1514